

PARA UMA REVISITAÇÃO DE *ONE-DIMENSIONAL MAN* DE HERBERT MARCUSE

José Barata-Moura*

§ 1. *Um «mentor inspirativo»?*

Desde muito cedo – praticamente, numa coetaneidade com o desenrolar dos acontecimentos e a sua expressão mediatizada –, Herbert Marcuse foi sendo associado à figura tutelar de «mentor inspirativo» (*inspirational mentor*) dos movimentos estudantis de protesto dos anos sessenta do século passado¹.

Uma ronda pelas publicações da época poderá sem dificuldade encontrar atestações para o facto, que a memória dos contemporâneos, como impressão, regista. A título anedótico, recordo ainda o entusiasmo com que de Marcuse me falava – confessando embora não o ter lido – um antigo colega de liceu, de naturalidade francesa, recém-chegado de Paris, numa conversa ocasional no Verão de 1968, em plena praia do Estoril.

Compete à investigação histórica e ao inquérito sociológico debruçar-se em concreto, e com maior rigor, sobre as vicissitudes e os termos determinados – culturais, ideológicos e, inclusivamente, biográficos – em que essa influência «espiritual», reconhecidamente difusa, se terá verificado.

No entanto, é facto que, entre 1964 – data da primeira edição – e 1969, *One-Dimensional Man* conheceu, só nos Estados Unidos da América e na mesma editorial, mais de uma dezena de reimpressões. O êxito do empreendimento teve

* Universidade de Lisboa.

¹ Emblemática de uma qualificação sedimentada na opinião pública, é a apresentação, numa entrevista de 1977, de Marcuse como: «mentor inspirativo de revoluções de estudantes, tanto nos Estados Unidos como na Europa, nos anos sessenta» – «*inspirational mentor of student revolutions in both the United States and Europe in the sixties*», Richard KEARNEY, «Dialogue with Herbert Marcuse»; *Dialogues with contemporary Continental thinkers. The phenomenological heritage. Paul Ricœur, Emmanuel Levinas, Herbert Marcuse, Stanislas Breton, Jacques Derrida* (1984), Manchester-Dover (New Hampshire), Manchester University Press, 1986², p. 73.

Para uma crítica da ritualização das denominações pelo seu enclausuramento ou anexação a uma função, no âmbito de uma linguagem de «administração total», veja-se, por exemplo: Herbert MARCUSE, *One-Dimensional Man. Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society* (1964), I, 4; Boston, Beacon Press, 1969¹¹, pp. 85 ss.

certamente a ver, não apenas com a real valia intrínseca da obra, mas também com a sua estreita consonância percebida com todo um conjunto de realidades que estavam em gestação e desenvolvimento.

Por sua vez, o próprio Marcuse, no prefácio de *An Essay on Liberation* (1969) – depois de assinalar a continuidade temática deste escrito, designadamente, com *Eros and Civilization*², *One-Dimensional Man*, e *Repressive Tolerance*³ –, afirma:

«Este ensaio foi escrito antes dos acontecimentos de Maio e Junho de 1968 em França. Acrescentei meramente algumas notas de rodapé em jeito de documentação. A coincidência entre algumas das ideias sugeridas no meu ensaio e as formuladas pelos jovens militantes foi para mim surpreendente [*striking*]. O radical carácter utópico das exigências [*demands*] deles ultrapassa de longe as hipóteses do meu ensaio; e, todavia, essas exigências foram desenvolvidas e formuladas no decurso da própria acção; são expressões de uma prática política concreta.»⁴.

Para além dos aspectos testemunhais de admiração e de espanto que acompanham todo este pronunciamento, desde logo, dois traços teóricos me parecem desenhar-se aqui, e ser de reter: a vinculação da produção de pensamento (ou a consciencialização dos actores) à imersão num processo activo (a prática de uma luta em desenvolvimento) e o equacionamento da dimensão utópica.

§ 2. *Consciência e utopia.*

Com efeito, segundo Marcuse, o fenómeno da própria revolta estudantil vem trazer renovada confirmação empírica à sua tese de que o conceito de uma classe *revolucionária* predeterminada corresponde, no fundo, a uma constelação

² Cf. MARCUSE, *Eros and Civilization. A Philosophical Inquiry into Freud* (1955), New York, Vintage Books, 1966².

³ Cf. MARCUSE, «Repressive Tolerance» (1965); Robert Paul WOLFF, Barrington MOORE Jr. e Herbert MARCUSE, *A Critique of Pure Tolerance* (1965), Boston, Beacon Press, 1969², pp. 81-117 («Postscript 1968», pp. 117-123).

Porventura, deveríamos ter em conta também o epílogo introduzido na segunda edição (1954) de *Reason and Revolution*, e entretanto retirado da terceira edição (1960), porque, como o autor explica, «tratava de uma forma demasiado condensada desenvolvimentos que eu discuto mais completamente no meu livro que está para aparecer: um estudo da sociedade industrial avançada» – «it treated in a much too condensed form developments which I discuss more fully in my forthcoming book, a study of advanced industrial society.», MARCUSE, «A Note on Dialectic» (1960); *Reason and Revolution. Hegel and the Rise of Social Theory* (1941), Boston, Beacon Press, 1969⁷, p. XIV.

⁴ «This essay was written before the events of May and June 1968 in France. I have merely added some footnotes in the way of documentation. The coincidence between some of the ideas suggested in my essay, and those formulated by the young militants was to me striking. The radical utopian character of their demands far surpasses the hypotheses of my essay; and yet, these demands were developed and formulated in the course of action itself; they are expressions of concrete political practice.», MARCUSE, *An Essay on Liberation*, Preface; Boston, Beacon Press, 1969, p. IX.

revoluta e obsoleta das lutas sociais (própria do século XIX e dos começos do século XX), que não está mais em linha com as alterações entretanto surgidas no funcionamento efectivo dos sistemas materiais e do tecido social.

Pelo contrário, de acordo com a análise que faz do capitalismo avançado e dos seus poderosos mecanismos de «integração» e de «homogeneização», é apenas do seio de uma «acção» determinada de *rejeição* em bloco do estebelecido (e da bateria de princípios que o norteia) que os próprios portadores da mudança – detentores de um certo estatuto de «exterioridade» relativamente ao «sistema» instalado – se perfilam e assumem como tal, na e pela sua *prática*.

Como ele próprio refere mais adiante neste mesmo ensaio de 1969:

«A procura de agentes históricos específicos de mudança [*change*] revolucionária nos países capitalistas avançados é, de facto, sem sentido [*meaningless*]. As forças revolucionárias emergem no próprio processo de mudança; a tradução do potencial no actual [ou efectivo, *actual*] é obra de prática política.»⁵.

Por outro lado, o «ingresso» (*ingression*) da *imaginação* e da *criatividade* – de uma radical liberdade «transgressora» e «sensualizada» – em processos que declaradamente apontam à transformação configura um ambiente de *alternativa* que se acompanha de rasgos de surrealidade e de utopismo, particularmente, se se tomar como termo de referência o «princípio de realidade» que comanda a subsistência do existente e o próprio modelo tradicional que aos revolucionamentos costuma ser associado.

Daí a perplexidade – e, do mesmo passo, o apreço – que não deixa de acompanhar uma reflexão sobre os desenvolvimentos mais recentes:

«Uma concepção utópica? Foi a grande, [a] real, a força de transcendência [*transcending force*], a “ideia nova” [*idée neuve*], na primeira rebelião poderosa contra o conjunto [*the whole*] da sociedade existente, a rebelião pela total transvalorização [ou transvalidação] de valores [*transvaluation of values*], por maneiras de viver [*ways of life*] qualitativamente diferentes: a rebelião de Maio em França.»⁶.

No entanto, o ajuizamento de Marcuse procura escavar mais fundo, e envolve toda uma reapreciação, e um reenquadramento, do próprio conceito de «utopia», que privilegie uma sua abordagem dinâmica relativamente às meras contraposições num registo de imediatez paralisada.

⁵ «The search for specific historical agents of revolutionary change in the advanced capitalist countries is indeed meaningless. Revolutionary forces emerge in the process of change itself; the translation of the potential into the actual is the work of political practice.», MARCUSE, *An Essay on Liberation*, IV, ed. cit., p. 79.

⁶ «A utopian conception? It has been the great, real, transcending force, the “*idée neuve*”, in the first powerful rebellion against the whole of the existing society, the rebellion for the total transvaluation of values, for qualitatively different ways of life: the May rebellion in France.», MARCUSE, *An Essay on Liberation*, I; ed. cit., p. 22.

O visó de que estas manifestações de revolta se revestem apresenta inegáveis traços utópicos, que não devem em caso algum ser liminarmente desatendidos.

Simplemente, importa questionar se esta contaminação de processos que visam uma remodelação social do viver que não dispensa (antes requer) um vector de criatividade «artística», uma «dimensão estética», não corresponderá afinal àquela vitalidade a reencontrar e a inventar – «a nova sensibilidade que expressa o ascendente [*ascent*] dos instintos de vida sobre [a] agressividade e [a] culpa»⁷ –, sem a qual a instauração de algo de *realmente novo* não pode ter lugar.

⁷ «The new sensibility, which expresses the ascent of the life instincts over aggressiveness and guilt», MARCUSE, *An Essay on Liberation*, II; ed. cit., p. 23.

A referência imediata é aqui Freud, que não deixara de assinalar o complexo entrelaçamento do «impulso para a vida» (*Lebenstrieb*) e do «impulso de destruição» (*Destruktionstrieb*) na conturbada marcha do «desenvolvimento da civilização» (*Kulturentwicklung*); cf., por exemplo, Sigmund FREUD, *Das Unbehagen in der Kultur* (1929), VI; *Studienausgabe*, ed. Alexander Mitscherlich, Angela Richards e James Strachey, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1997⁸, vol. IX, p. 249.

Não seria, no entanto, descabido explorar também tematicamente muito do que Feuerbach desenvolve em torno da *Sinnlichkeit*, como privilegiada via de acesso ao efectivamente real, instância constitutiva de uma antropologia reencontrada, e princípio de reconfiguração da própria existência colectiva.

Não será meramente por acaso que – na sequência, nomeadamente, de *Das Wesen des Christentums* (1841), das *Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie* e dos *Grundsätze der Philosophie der Zukunft* (ambos de 1843) – um texto onde se verifica a repetida glosa da exortação «segue os sentidos!» (*Folge den Sinnen!*) se termina pela confissão de que Feuerbach se assume como «homem comum, comunista» (*Gemeinmensch, Kommunist*); cf. Ludwig FEUERBACH, *Über das Wesen des Christentums in Beziehung auf den Einzigsten und sein Eigentum* (1845); *Gesammelte Werke*, ed. Werner Schuffenhauer, Berlin, Akademie-Verlag, 1982², vol. 9, p. 441.

É certo que toda esta articulação não transparece, mesmo como insinuação, em passagens onde seria expectável que ocorresse: quando Marcuse trata explicitamente dos contributos de Feuerbach – cf. MARCUSE, *Reason and Revolution*, II, I, 3; ed. cit., pp. 267-273 –, ou quando procede a um enquadramento histórico-categorial da «sensibilidade» (cf., por exemplo, Marcuse, *Eros and Civilization*, II, 9; ed. cit., pp. 157-179).

O exame do conjunto dos textos onde esta problemática se reflecte, e da configuração de pensamento neles expressa, leva-me, contudo, a suspeitar que o momento feuerbachiano surge em Marcuse a partir da mediação operada já por Marx, designadamente, nos *Manuscritos de 1844*. Num estudo sobre estes *Manuscritos*, publicado pela primeira vez em 1932, o tema aparece introduzido na sua vertente prático-ontológica: «A sensibilidade [*Sinnlichkeit*] do ser humano é, como “objectividade” [*Gegenständlichkeit*], essencialmente objectivação [*Vergegenständlichung*] prática, e, como [objectivação] prática, essencialmente uma objectivação social.» – «Die Sinnlichkeit des Menschen ist als “Gegenständlichkeit” wesentlich praktische Vergegenständlichung und als praktische wesentlich eine gesellschaftliche Vergegenständlichung.», MARCUSE, *Neue Quellen zur Grundlegung des Historischen Materialismus* (1932), II; *Ideen zu einer kritischen Theorie der Gesellschaft*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1970⁴, p. 26 (veja-se, igualmente, pp. 29-30).

De qualquer modo, a convocação de Marcuse para uma reconstrução do tema da *Sinnlichkeit* segundo Feuerbach, em clave e com um escopo emancipatórios, afigura-se manifesta na abordagem, designadamente, de Alfred SCHMIDT, *Emanzipatorische Sinnlichkeit. Ludwig Feuerbachs anthropologischer Materialismus*, München, Carl Hanser Verlag, 1973.

É preciso, portanto, perguntar se a «forma» de uma imaginação criadora e gratificante – em acto na «transcendência» dos padrões e das metas da sociedade instalada – não se encontra ela própria inscrita já, como exigência (uma refiguração do *Sollen*) e como *negação*, no leque de possíveis que essa sociedade imediatamente reprime, mas, do mesmo passo, comporta (e cuja contenção opera).

O teor constitutivo de tudo aquilo que de pronto aparece – a um olhar afeiçoado pelo, e afeito ao, dominante – como «utopia», e o seu potencial efectivo de «transformação», dependem, em larga medida, da sua inscrição *real* nesse horizonte de possibilidades:

«A noção de “forma estética” como a Forma de uma sociedade livre significaria, de facto, inverter [*reversing*] o desenvolvimento do socialismo de científico a utópico, a menos que possamos apontar para certas tendências na infraestrutura da sociedade industrial avançada que podem dar a esta noção um conteúdo realista [*a realistic content*].»⁸.

Isto é, no fundo, o que está em causa, na perspectiva de Marcuse, é o apuramento de uma *teoria crítica da sociedade industrial avançada* que a considere na sua «própria estrutura» (*very structure*), na literalidade dos seus «factos» mas também na historicidade dos seus «factores», sem perder de vista a possibilidade de uma sua «transcendência» – que «a falaciosa concreção do empirismo positivista»⁹, implantado nas consciências e enformante dos comportamentos generalizados, bloqueia, deturpa e priva dos vectores que além dela são susceptíveis de conduzir, nos termos de padrões mais exigentes, enriquecidos e possíveis, de humanidade.

§ 3. A crítica: exigência racional e tarefa.

Pela minha parte, atrevo-me a pensar que – muito para além das posições a partir das quais fala, e dos resultados a que aporta – o que há de verdadeiramente interessante na produção filosófica de Herbert Marcuse é a *atitude* (crítica) que assume perante as realidades que o rodeiam e a *maneira* (dialéctica, ainda que ao seu jeito) como com elas procura lidar.

Em 1960, no final do prefácio para uma reedição mesmo de um texto polémico, não linear, e ideologicamente tão vincado, como *Soviet Marxism*, estas

⁸ «The notion of “aesthetic form” as the Form of a free society would indeed mean reversing the development of socialism from scientific to utopian unless we can point to certain tendencies in the infrastructure of advanced industrial society which may give this notion a realistic content.», MARCUSE, *An Essay on Liberation*, III; ed. cit., p. 49.

⁹ «the fallacious concreteness of positivist empiricism», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., p. 107.

dimensões recorrentes no seu pensamento não deixam de assomar, a propósito de uma consideração respeitante à estrutura de um mundo de «guerra fria» (em aquecimento) em que lhe é dado viver:

«É um mundo que aceita e justifica o risco diário de guerra nuclear como uma parte integrante do estado normal das coisas [ou assuntos: *normal state of affairs*]. E um mundo destes não pode fornecer os padrões [*standards*] para aquilo que é realista [*realistic*] e para aquilo que o não é. Se o estado prevalente das coisas não é nem normal nem necessário, tem alternativas históricas que a presença e a prevalência dele negam. A análise crítica tem a tarefa [*task*] de manter essas alternativas no espírito [*in mind*], não importa quão utópicas elas possam aparecer no *status quo*»¹⁰.

Ainda que não escapando por inteiro ao resvalamento para uma certa e apropriada «desterritorialização» – instigada, em larga medida, pelo desejo de ocupação de um posto de «exterioridade» relativamente aos condicionalismos dominantes –, é, no fundo, de um apelo (que procura ser consistente) à vigilância do pensar que se trata.

E aqui vale a pena recordar algumas fontes de inspiração, não tanto para o teor determinado da doutrina, mas para os instrumentos teóricos da sua organização e encaminhamento.

Martin Heidegger – cuja presença no primeiro período da obra de Marcuse é tão flagrante¹¹ – havia sublinhado já, em *Sein und Zeit*, que o «entendimento» (*Verständnis*) da *fenomenologia* (husserliana, tópico contextual em que esta formulação ocorre, mas a cujo exclusivo âmbito não deve ser restringida) supõe uma efectiva compreensão de que:

«mais acima [*böher*] do que a realidade [efectivada, *Wirklichkeit*] está a possibilidade [*Möglichkeit*]»¹².

¹⁰ «It is a world that accepts and justifies the daily risk of nuclear war as an integral part of the normal state of affairs. And such a world cannot provide the standards for what is realistic and what is not. If the prevailing state of affairs is neither normal nor necessary, it has historical alternatives that its presence and prevalence deny. Critical analysis has the task of keeping these alternatives in mind, no matter how utopian they may appear in the *status quo*.», MARCUSE, *Soviet Marxism. A Critical Analysis* (1958), Preface 1961; New York, Vintage Books, 1961², p. XVI.

¹¹ Marcuse havia estudado sob a orientação de Heidegger na Universidade de Freiburg, em 1928. Deparamos com uma boa ilustração deste entrecruzamento de influências e de motivos, por exemplo, em: MARCUSE, «Beiträge zu einer Phänomenologie des Historischen Materialismus» (1928); Herbert MARCUSE e Alfred SCHMIDT, *Existentialistische Marx-Interpretation*, Frankfurt am Main, Europäische Verlagsanstalt, 1973, pp. 41-84.

¹² «Höher als die Wirklichkeit steht die Möglichkeit.», Martin HEIDEGGER, *Sein und Zeit* (1927), § 7, C; Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1972¹², p. 38.

Não esqueçamos que Heidegger era também um profundo conhecedor da *Phänomenologie des Geistes* de Hegel, à qual dedicou diversos seminários, designadamente, em 1930-1931 e 1942-1943.

O «possível», como transcendência negadora do existente, é certamente um dos grandes temas do filosofar de Marcuse. Todavia, não é directamente a partir de Heidegger que ele o pensa, ou começa a pensar.

Com efeito, Marcuse explora e desenvolve filosoficamente esta perspectiva – não desgarrada, aliás, de alguma militância política inicial e fugaz no Partido Social-democrata alemão, em 1917 – sobremaneira, a partir de uma profunda reflexão sobre o património legado por Hegel, e que desde o âmage anima o desenvolvimento marxista da dialéctica¹³ – com um embasamento materialista de implicações práticas de que, todavia, em medida determinante Marcuse, sem as renegar por completo, se afasta¹⁴.

Cf. HEIDEGGER, *Hegels Phänomenologie des Geistes* e «Hegels Begriff der Erfahrung» (posteriormente publicado em *Holzwege*); *Gesamtausgabe*, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, respectivamente: 1980, vol. 32, e 1977, vol. 5, pp. 115-208.

Como é sabido, a *Habilitationsschrift* de Marcuse, de que também consta um especial agradecimento a Heidegger, gira em torno de uma teoria da historicidade pensada a partir de Hegel, em cujo pensamento, designadamente, é sublinhado emergir «uma dimensão completamente nova» (*eine völlig neue Dimension*): «O ente finito não tem história, mas é história.» – «Das endliche Seiende bat nicht Geschichte, sondern ist Geschichte.», MARCUSE, *Hegels Ontologie und die Theorie der Geschichtlichkeit* (1932), I, 4; Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1975³, p. 63.

¹³ «O impacte da filosofia hegeliana sobre a teoria social, e a função específica da teoria social moderna, não podem ser entendidas excepto a partir da forma completamente desdobrada da filosofia de Hegel e das suas tendências críticas, tal como transitaram para a teoria marxiana.» – «The impact of the Hegelian philosophy upon social theory, and the specific function of modern social theory cannot be understood except from the fully unfolded form of Hegel's philosophy and its critical tendencies, as they went over to Marxian theory.», MARCUSE, *Reason and Revolution. Hegel and the Rise of Social Theory* (1941), II, Introduction; ed. cit., p. 257.

Esta mesma orientação é igualmente perceptível em muitos textos anteriores, onde, tomando partido em debates que ao tempo decorriam, se trata de deixar bem vincado que o próprio Marx, «com toda a nitidez» (*in aller Deutlichkeit*), exprimiu «a vinculação interior da teoria revolucionária à filosofia de Hegel» (*die innere Verbundenheit der revolutionären Theorie mit der Philosophie Hegels*); cf. MARCUSE, *Neue Quellen zur Grundlegung des Historischen Materialismus*, VI; *Ideen zu einer kritischen Theorie der Gesellschaft*, ed. cit., p. 54.

¹⁴ Sob este ponto de vista, parece-me descortinável em Marcuse uma funda continuidade na acentuação da *Praxis* como *acto instaurador* de realidade, porventura, não suficientemente atendido nos relacionamentos dialécticos que mantêm com todo um horizonte de materialidade (que abrange também a radicação material das forças sociais):

«Na situação fundamental [*Grundsituation*] marxista, trata-se da possibilidade histórica do acto radical [*radikale Tat*], que deve libertar [*freimachen*] uma necessária nova realidade [*Wirklichkeit*] como realização [*Realisierung*] do ser humano todo.» – «In der marxistischen Grundsituation geht es um die geschichtliche Möglichkeit der radikalen Tat, die eine notwendige neue Wirklichkeit als Realisierung des ganzen Menschen freimachen soll.», MARCUSE, «Beiträge zur eine Phänomenologie des Historischen Materialismus» (1928), II; ed. cit., p. 44.

A melodia deste enfoque principal não deixa, contudo, de evocar Moses Hess, e a sua convocatória de uma «filosofia do acto» (*Philosophie der Tat*), de que as raízes fichteanas se não encontram apagadas, e que, designadamente, o leva a proclamar com um forte acento crítico: «O principal é o

Hegel põe efectivamente em evidência – e não apenas com um alcance instrumental na órbita subjectiva do filosofar, posto que o «Espírito» (*Geist*) constitui verdadeiramente, e no seu dever de realização, o ser de «aquilo que é»¹⁵ – «o enorme poder do negativo» (*die ungeheure Macht des Negativen*) que constitui «a energia do pensar» (*die Energie des Denkens*)¹⁶.

«Pensar» o mundo não é exactamente o mesmo do que registá-lo na patência segmentada do seu aparecer fixado e ordená-lo nos parâmetros rígidos do «entendimento» (*Verstand*), que o deixam intacto e consagrado na imediatez fáctica das suas determinações:

«Pensar o mundo empírico significa antes essencialmente: realterar [*umändern*] a sua forma empírica e transformá-la [*verwandeln*] em algo de universal; o pensar exerce simultaneamente uma actividade *negativa* [*negative Tätigkeit*] sobre essa base [empírica]; o material [*der Stoff*] percebido, quando é determinado por universalidade, *não permanece* na sua primeira figura empírica.»¹⁷.

Considerado à luz da «universalidade» em que dinamicamente se inscreve e que lhe mostra um conjunto de possibilidades «essenciais» (mas não realizadas todas na sua imediatez dada), o «positivo» vê negada a sua pretensão de se dar *imediatamente* – quer na dimensão externa da experiência sensível, quer na intimidade (noética e/ou sentimental) da «intuição» interior – como forma acabada, ou única, do ser.

Em conformidade, «no pensar está contida a negação do objecto [*die Negation des Gegenstandes*]; e o comportamento negativo [*das negative Verhalten*]

“operar [*das Wirken*], não a obra [*das Werk*]” – «Das “Wirken, nicht das Werk” ist die Hauptsache.», Moses HESS, *Philosophie der Tat* (1843); *Philosophische und sozialistische Schriften. 1837-1850. Eine Auswahl*, ed. Wolfgang Mönke (doravante: PSS), Berlin, Akademie-Verlag, 1980², p. 221.

Hess havia, aliás, sublinhado também a forte dimensão *crítica* presente no pensamento de Hegel, e que os jovens hegelianos haviam, por sua vez, convertido em direcção fundamental do seu trabalho filosófico; cf. HESS, *Gegenwärtige Krisis der deutschen Philosophie* (1841), PSS, pp. 169-171. Este aspecto surge relevado em: MARCUSE, *Reason and Revolution*, II, II, 1; ed. cit., p. 325.

¹⁵ A *Wirklichkeit*, a «realidade efectiva», como «substância» (*Substanz*) que é «sujeito» (*Subjekt*), resolve-se e reapropria-se como *Geist*. Ou, para recordar uma outra formulação conhecida, «a história mundial» (*Weltgeschichte*) é «a explicação [*Auslegung*] e a realização [*Verwirklichung*] do Espírito universal» – «die Auslegung und *Verwirklichung des allgemeinen Geistes*», Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts, oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*, § 342; *Theorie Werkausgabe*, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel (doravante: TW), Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1970, vol. 7, p. 504.

¹⁶ Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 36.

¹⁷ «Die empirische Welt denken heißt vielmehr wesentlich, ihre empirische Form umändern und sie in ein Allgemeines verwandeln; das Denken übt zugleich eine *negative Tätigkeit* auf jene Grundlage aus; der wahrgenommene Stoff, wenn er durch Allgemeinheit bestimmt wird, *bleibt nicht* in seiner ersten empirischen Gestalt.», HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*, § 50; TW, vol. 8, p. 132.

é necessário para se conceber [*begreifen*] [o que quer que seja]. Isto tem muito mais profundidade do que a conversa acerca da consciência imediata.»¹⁸.

Há, portanto, que negar, que quebrar, que transcender, o ponto de vista dominante e dominador – a «consciência imediata» – que circunscreve e oprime o ser na figura limitada (e limitativa) do seu «acontecer unidimensional» (*eindimensionales Geschehen*)¹⁹.

§ 4. A necessária «elevação ao conceito».

Penso que é de aqui que arranca o vector crítico fundamental da abordagem marcuseana da teoria social – tributária, por outro lado, também do programa da «teoria crítica» (*kritische Theorie*) – desenvolvido, sob a égide de Max Horkheimer e de Theodor Adorno, no âmbito do *Institut für Sozialforschung*, entretanto transferido de Frankfurt para os Estados Unidos, e com o qual Marcuse colaborará a partir de 1934²⁰.

Para «compreender» uma sociedade na sua *estrutura* de funcionamento e na sua *estruturacão* dinâmica – e não meramente para nela «operar» segundo o regime do sucesso (de acordo com os critérios que ela própria auto-valida) – não basta quedar-se pelo visó que ostenta: pela arregimentação e pela narrativa de «factos»²¹; é preciso elevar-se ao «conceito», porque o ser não se restringe à

¹⁸ «Im Denken ist enthalten die Negation des Gegenstandes; und das negative Verhalten ist notwendig, um zu begreifen. Es hat dies viel mehr Tiefe als das Gerede vom unmittelbaren Bewußtsein.», HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung; TW, vol. 18, p. 154.

¹⁹ Cf. MARCUSE, *Hegels Ontologie und die Theorie der Geschichtlichkeit*, I, 4; ed. cit., p. 57.

²⁰ De alguma maneira, poderemos aceitar que o horizonte problemático despoletador se prende com a procura do conhecimento de

«por que é que a humanidade, em vez de entrar numa situação verdadeiramente humana, se afunda numa nova espécie de barbárie.» – «warum die Menschheit, anstatt in einen wahrhafte menschlichen Zustand einzutreten, in eine neue Art von Barbarei versinkt.», Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente* (1944), Vorrede; ADORNO, *Gesammelte Schriften*, ed. Rolf Tiedemann (doravante: GS), Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997, vol. 3, p. 11.

No entanto, o próprio movimento por uma «teoria crítica da sociedade» também nunca deixou de se ver atravessado por «controvérsias filosóficas» (*philosophische Auseinandersetzungen*). Veja-se, por exemplo: MARCUSE, *Philosophie und kritische Theorie* (1937); *Kultur und Gesellschaft*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1970⁹, vol. I, pp. 102-127.

Penso que é a essa luz, designadamente, que se há-de entender a apologia que aí é feita da «razão» (*Vernunft*) como «a categoria fundamental do pensar filosófico» (*die Grundkategorie philosophischen Denkens*), que deve expôr «a suprema possibilidade do ser humano e do próprio ente» (*die höchste Möglichkeit des Menschen und des Seienden selbst*; *ibid.*, p. 103).

²¹ «Nas condições repressivas em que os homens pensam e vivem, o pensamento [*thought*] – qualquer modo de pensar [*thinking*] que não esteja confinado à orientação pragmática dentro do

datidade empírica das suas manifestações – ainda por cima, administradas e manipuladas em obediência ao império da sua reprodução e perpetuamento.

Como Marcuse refere num quadro de crítica de um uso ordinário (ainda que reforçadamente induzido) da linguagem, que carrega consigo já todo um «pronto-a-pensar» da unidimensionalização:

«Previamente ao seu uso [*usage*] operacional, o conceito *nega* a identificação da coisa com a sua função; ele distingue aquilo que a coisa *é* das funções contingentes da coisa na realidade estabelecida.»²².

Por intermédio deste trânsito à perspectiva do «conceito» – por onde certamente ressoam ecos do *Begriff* hegeliano²³ –, uma situação ou um ente da vida quotidiana

«tornaram-se objectos de pensamento, e, como tal, o seu conteúdo [*content*] e significação [*meaning*] são idênticos aos, e todavia diferentes dos, objectos reais de experiência imediata. “Idênticos”, porquanto o conceito denota a mesma coisa; “diferentes”, porquanto o conceito é o resultado de uma reflexão que compreendeu a coisa no contexto (e à luz) de outras coisas que não apareciam na experiência imediata e que “explicam” a coisa (mediação).»²⁴.

Através da «elevação ao conceito», tem, por conseguinte, lugar todo um processo de *mediação* – decisivamente levado a cabo pela actividade «negadora» do pensar (mas talvez não apenas por ela) – que rompe o confinamento e a estagnação do dado na mera imediatez do seu aparecer, e o inscreve num contorno deveniente de sentido.

status quo – apenas pode reconhecer os factos e responder [*respond*] aos factos “indo [ao que está] por detrás” [*going behind*] deles.» – «Under the repressive conditions in which men think and live, thought – any mode of thinking which is not confined to pragmatic orientation within the status quo – can recognize the facts and respond to the facts only by “going behind” them.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 7; ed. cit., p. 185.

²² «Prior to its operational usage, the concept *denies* the identification of the thing with its function; it distinguishes that which the thing *is* from the contingent functions of the thing in the established reality.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., p. 95.

²³ «Conceber [*begreifen*] significa desenvolver algo a partir das suas condições, a partir da sua possibilidade; encarar *todas* as condições.» – «Begrreifen [heißt] etwas aus seinen Bedingungen, aus seiner Möglichkeit [entwickeln]; *alle* Bedingungen einsehen.», HEGEL, *Logik für die Mittelklasse* (1808-1809), § 50; TW, vol. 4, p. 99.

²⁴ «they have become objects of thought, and as such, their content and meaning are identical with and yet different from the real objects of immediate experience. “Identical” in as much as the concept denotes the same thing; “different” in as much as the concept is the result of a reflection which has understood the thing in the context (and in the light) of other things which did not appear in the immediate experience and which “explain” the thing (mediation).», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., p. 105.

O conceito compreende sempre *mais* do que a singularidade petrificada da coisa – desde logo, porque a contextualiza –, e compreende também de um *modo diferente*, porque envolve e suscita uma *transitividade* para além do simplesmente descrito.

Daí a tensão, a discrepância, o conflito – fortemente potenciadores de implicação – entre o registo «universal» (concreto) do conceito e a imediatez fáctica (abstracta) a que se reporta.

§ 5. *A necessária convocação da historicidade.*

Esta transitividade veiculada pelo conceito – e que incindivelmente remete para uma *crítica* do existente, ao revelar o leque de possibilidades que ele materializa na sua positividade presente e que do seu interior se projectam como eventuais alternativas – assoma, num mesmo movimento, como *história* e como *historicidade*.

Pelo contrário, o despedimento ou a morte da história corresponde à «naturalização» do estabelecido, reforça o «feiticismo» de uma completa reificação da existência nas suas diferentes manifestações²⁵, promove a sua paralisação dentro de parâmetros em que férreos controlos (mesmo quando subtis) do intervalo de variação consentida apagam o espectro de uma transformação na ordem da qualidade.

Daí os receios que afinal se escondem por detrás de tantos intentos consumados de obnubilação da memória – que, nomeadamente, apostam numa fundamental «eternização» do estado presente das coisas (acompanhado, de resto, por uma sorrateira e subreptícia sugestão de inferência precavidamente dirigida ao porvir: como «sempre foi assim», assim também «sempre será»):

«A lembrança do passado», pelo contrário, «pode dar origem a perspectivas perigosas [*dangerous insights*], e a sociedade estabelecida parece estar apreensiva quanto aos conteúdos subversivos da memória. A lembrança é um modo de dissociação dos factos dados, um modo de “mediação” que quebra, por curtos momentos, o poder omnipresente dos factos dados.»²⁶.

²⁵ Lembremos que, para Marx, o fenómeno do «feiticismo» (*Fetischismus*) – designadamente, tanto no que se refere à «mercadoria» (*Ware*) como ao «dinheiro» (*Geld*) – corresponde a um processo de «coisificação» em que «a relação social dos próprios seres humanos» (*das bestimmte gesellschaftliche Verhältnis der Menschen selbst*) toma «a forma fantasmagórica de uma relação de coisas» (*die phantasmagorische Form eines Verhältnisses von Dingen*). Cf. KARL MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*, I, I, I, 4; *Marx-Engels Werke*, ed. IML (doravante: MEW), Berlin, Dietz Verlag, 1977, vol. 23, p. 86.

²⁶ «Remembrance of the past may give rise to dangerous insights, and the established society seems to be apprehensive of the subversive contents of memory. Remembrance is a mode of

Por isso, quando ocorre – por exemplo, em litúrgicas efemérides engalanadas –, a «oficialização» da história comemorada, segundo os cânones dominantes, não excede, em regra, os paramentos despojados de uma invocação ritualizada do passado.

O decisivo, porém, na ordem do compreender e do agir social, é, para Marcuse, a consciência de que a historicidade, apesar dos interditos reinantes, não se encontra encerrada²⁷.

Conceber o presente (dado) na sua articulação com tudo aquilo que conduziu à sua figura de existencialidade permite surpreender a sua contingência, a qual igualmente se prolonga num devir que reclama a negação da sua forma actual:

«A mediação do passado com o presente descobre os factores que fizeram os factos, que determinaram a maneira de viver [*the way of life*], que estabeleceram os senhores [*masters*] e os servos [*servants*]; ela projecta os limites e as alternativas.»²⁸.

Tudo o que na imediatez empírica surge dado como «facto» não é meramente como positividade acabada; tem uma *gênese* que decorre de «factores» que a determinam (e cujo horizonte de eficácia não se confina nem esgota na dimensão de um passado revoluto)²⁹, supõe uma «estrutura» (a descobrir) que rege o

dissociation from the given facts, a mode of “mediation” which breaks, for short moments, the omnipresent power of the given facts.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., p. 98.

²⁷ Não é certamente por acaso – nem por idiossincrásica predilecção epistemológica por esta ou aquela área do saber – que, mais de vinte e cinco anos volvidos (mas não resolvido o problema), um autor como Fukuyama, na sustentação de cuja tese a declaração enfática da «ausência de alternativa» desempenha também o papel de «argumento», nos vem tranquilamente dizer que

«temos que passar de uma discussão da história para uma discussão da Natureza, se houvermos de tratar seriamente a questão do fim da história... – **we must move from a discussion of history to a discussion of nature if we are to address seriously the question of the end of history.**», Francis FUKUYAMA, *The End of History and the Last Man*, II, 12; London, Penguin Books, 1992, p. 139.

²⁸ **«The mediation of the past with the present discovers the factors which made the facts, which determined the way of life, which established the masters and the servants; it projects the limits and the alternatives.»**, MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., p. 100.

²⁹ Lembremos o aguerrido debate – epistemológico, mas também político e ideológico – na sociologia norte-americana deste período quanto ao estatuto e relevância da historicidade para os estudos sociais.

Enquanto alguns se pronunciam aberta (e praticamente) pela remoção da história do terreno científico da teoria sociológica, em nome da onipotência de uma análise sistémica de ordem normativa (cf., por exemplo, Talcott PARSONS, *The Social System* (1951), XII; New York-London, The Free Press-Collier-MacMillan, 1964², p. 555), outros há que, combatendo e desmontando criticamente essa descaracterização desvitalizadora decorrente de pretextos metodológicos, persistem em considerar que «nós não podemos esperar compreender qualquer sociedade determinada, mesmo como um assunto estático, sem o uso de materiais históricos» – **we cannot hope to understand any**

jogo das interrelacionalidades em presença³⁰ – mas comporta também tendências (em desenvolvimento), que à «teoria crítica» cumpre identificar³¹, e que para além do estado vigente das coisas podem levar, caso surjam «fatores» de mudança que deles se apropriem conveniente e criativamente.

A formulação de Marx é sobejamente conhecida:

«A arma da crítica, sem dúvida, não pode substituir a crítica das armas, o poder [*Gewalt*] material tem que ser derrubado por poder material, só que também a teoria se torna poder material assim que agarra as massas. A teoria é capaz de agarrar as massas assim que demonstra *ad hominem*, e ela demonstra *ad hominem* assim que se torna radical. Ser radical é apreender as coisas na raiz. A raiz para os seres humanos é, porém, o próprio ser humano.»³².

single society, even as a static affair, without the use of historical materials.», Charles WRIGHT MILLS, *The Sociological Imagination* (1959), 8, 2; London-Oxford-New York, Oxford University Press, 1978³, p. 149.

Uma apreciação *ex post* de Niklas Luhmann – sem quaisquer pretensões de neutralidade na crítica que insinadamente carrega – dá-nos bem conta do embasamento e do alcance, determinados, deste debate:

«Foi, precisamente, obra [*Leistung*] da teoria de Parsons substituir os preconceitos [*Vorurteile*] da sociologia, como uma ciência de crises e de oposição [*Krisen- und Oppositionswissenschaft*], por uma arquitetónica conceptual relativamente autónoma (nela própria, depois, de novo criticável).» ... – «Es war gerade die Leistung der Parsons'schen Theorie, die Vorurteile der Soziologie als einer Krisen- und Oppositionswissenschaft durch eine relative autonome (in sich selbst dann wieder kritisierbare) Begriffsarchitektonik zu ersetzen.», Niklas LUHMANN, *Macht* (1975), I; Stuttgart, Lucius & Lucius Verlagsgesellschaft, 2003³, p. 17.

³⁰ «Porque os factores nos factos não são dados imediatos de observação, medição, e interrogação. Eles só se tornam dados numa análise que é capaz de identificar a estrutura que sustenta [*to hold together*] as partes e os processos da sociedade, e que determina a sua interrelação.» – «For the factors in the facts are not immediate data of observation, measurement, and interrogation. They become data only in an analysis which is capable of identifying the structure that holds together the parts and processes of society and that determines their interrelation.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 7; ed. cit., p. 190.

³¹ «O pensamento crítico esforça-se por definir o carácter irracional da racionalidade estabelecida (que se torna crescentemente óbvia) e por definir as tendências que causam essa racionalidade a gerar a sua própria transformação.» – «Critical thought strives to define the irrational character of the established rationality (which becomes increasingly obvious) and to define the tendencies which cause this rationality to generate its own transformation.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 9; ed. cit., p. 227.

³² «Die Waffe der Kritik kann allerdings die Kritik der Waffen nicht ersetzen, die materielle Gewalt muß gestürzt werden durch materielle Gewalt, allein auch die Theorie wird zur materiellen Gewalt, sobald sie die Massen ergreift. Die Theorie ist fähig die Massen zu ergreifen, sobald sie *ad hominem* demonstriert, und sie demonstriert *ad hominem* sobald sie radikal wird. Radikal sein ist die Sache an der Wurzel fassen. Die Wurzel für den Menschen ist aber der Mensch selbst.», MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie. Einleitung; Gesamtausgabe*, ed. Günter Heyden e Anatoli Jegerow (doravante: MEGA²), Berlin, Dietz Verlag, 1982, vol. I/2, p. 177.

É a partir desta perspectiva (reinterpretada) que Marcuse está a pensar, ainda que, porventura, cuidando menos da radicação histórica material das forças do que da motivação subjectiva (teorética e «instintual») que as há-de colocar em movimento.

§ 6. *A resvaladiça invocação do «dever-ser».*

Assim, a *alternativa* corresponde a uma possibilidade real de «transcendência» do que se encontra estabelecido, como uma *negação* cujos pré-requisitos (em estado embrionário de germinação) ele próprio contém já; todavia, em rigor, ela apenas se justifica verdadeira ou autenticamente se consigo trazer (se ao teor do seu «conceito» corresponderem) prospectos de uma maior «per-feição»³³.

A «essência», que ao «conceito» cumpre propriamente pensar, transmite-nos também o «verdadeiro», porque lhe cabe expôr o concreto na plenitude das suas determinações (tanto já realizadas, como possíveis); a «per-feição» devém, assim, um «per-fazer», que está «por fazer», das possibilidades essenciais.

No entanto, esta «perfeição» apresenta, do mesmo passo e no mesmo movimento, uma conotação *axiológica* franca, na medida em que o «possível» que ela enuncia (e anuncia) como merecendo materialização corresponde também ele a um estágio de «melhoramento» (pautado por um conceito desenvolvido e mais rico de «humanidade») face ao positivamente estabelecido na existência empírica constatada.

Aqui chegado, Marcuse procura, deste modo, evitar os precipícios de um sofisticado essencialismo metafísico pelo hasteamento da bandeira de um fundamento «moral» enriquecido que se converta em medida de ajuizamento axiológico e em exigência prática de realização, procedendo – a meu ver, pouco hegelianamente – a um reaquecimento da matriz accional do «dever-ser» (*Sollen*).

Entendo, com efeito, que são fundadas, e constitutivas do seu arcaboço doutrinário, as conhecidas objecções fracturantes de Hegel à magnificação do peregrinante e «perenal dever-ser» (*das perennierende Sollen*)³⁴ que, a partir de

³³ Para o enquadramento desta perspectiva, tenha-se, por exemplo, em conta, a natureza dos «critérios para a verdade histórica objectiva» (*criteria for objective historical truth*) que hão-de presidir à racionalidade de um projecto de «transcendência» do existente, que visa proporcionar «uma hipótese maior de pacificação da existência» (*a greater chance for the pacification of existence*). Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 8; ed. cit., p. 220.

³⁴ Como textos centrais de referência quanto ao desenvolvimento desta crítica (que se não limita a ter o pensamento moral de Kant como exclusivo objecto), tenham-se, por exemplo, em conta: HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, TW, vol. 3, pp. 442-494; *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*, §§ 507-512, TW, vol. 10, pp. 314-316; e *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*, § 135, TW, vol. 7, pp. 252-254.

uma declarada inspiração kantiana (retomada, no entanto, por outras orientações coevas, entre as quais, uma certa *Gefühlphilosophie* se inscreve), pretende fundar um eticismo moralizante.

Nos termos genéricos destas abordagens que Hegel critica, aquilo mesmo que nega e transcende uma existência determinada não é compreendido como ingreência do devir da própria «coisa» (*Sache*), internamente trabalhada pela contradição, nem como objecto de «realização» (*Verwirklichung*) por desenvolvimento e por transformações requeridas, mas sempre como um «além» (*Jenseits*) inalcançável³⁵.

Marcuse, porém, no seu intento de comentário reconstrutivo da ontologia hegeliana, desde muito cedo entende, e interpreta, num quadro vocabular e sob a figura tutelar de um «dever-ser» a contraditoriedade intrínseca que trabalha o devir de toda a finitude:

«A determinidade [*Bestimmtheit*] respectiva do ente finito é não apenas, como “limitação” [*Grenze*], princípio do seu ser [*Sein*], mas também, como “limite” [*Schranke*], princípio do seu dever-ser [*Sollen*]. O ente finito está sob a necessidade [absoluta, *unter dem Muß*] do sair-para-fora-e-para-além-de-si [*Sich-über-sich-hinausschicken*]; ele deve tornar-se um outro [*ein Anderes*] – só por esse facto ele se torna ele *próprio*. O dever-ser é um carácter ontológico do ente finito.»³⁶.

Tentando conservar o essencial da sua abordagem – em que, porventura, a contaminação pela linguagem do *Sollen* não fica isenta de desvios para derivas moralizantes – sem, todavia, se predispor a incorrer naquilo que Hegel nuclear e justificadamente põe em causa, Marcuse vê-se também obrigado a afirmar que

³⁵ No marco de um paralelo estabelecido entre «o perenal dever-ser» (*das perennierende Sollen*) e «o mau infinito» (*das schlechte Unendlichkeit*) – «mau», porque colocado «fora», «acima», ou «além», do próprio processo das realidades em desenvolvimento –, Hegel, em contrapartida, assinala:

«É natureza do próprio finito ultrapassar-se a si mesmo [*sich hinausgehen*], negar a sua negação e tornar-se infinito. O infinito não está, deste modo, como algo de para si pronto [*ein für sich Fertiges*] acima [*über*] do finito, de tal modo que o finito tenha e mantenha o seu permanecer [*Bleiben*] fora [*aufser*] ou sob [*unter*] aquele. Nem nós ultrapassamos o finito em direcção ao infinito apenas como uma razão subjectiva.» – «Es ist die Natur des Endlichen selbst, über sich hinauszugehen, seine Negation zu negieren und unendlich zu werden. Das Unendliche steht somit nicht als ein für sich Fertiges über dem Endlichen, so daß das Endliche *aufser* oder *unter* jenem sein Bleiben hätte und behielte. Noch gehen *wir* nur als eine subjective Vernunft über das Endliche ins Unendliche hinaus.»; HEGEL, *Wissenschaft der Logik*; TW, vol. 5, p. 150.

³⁶ «Die jeweilige Bestimmtheit des endlichen Seienden ist nicht nur als “Grenze” Prinzip seines Seins, sondern auch als “Schranke” Prinzip seines Sollens. Das endliche Seiende steht unter dem Muß des Sich-über-sich-hinausschickens; es soll ein Anderes werden, – dadurch erst wird es *selbst*. Das Sollen ist ein ontologischer Charakter des endlichen Seienden.»; MARCUSE, *Hegels Ontologie und die Theorie der Geschichtlichkeit*, I, 5; ed. cit., p. 65.

«o ser como *dever-ser* não é nenhuma norma erigida além do ente [*jenseits des Seienden*], mas uma “determinação” [*Bestimmung*] que reside no ser do próprio ente»³⁷.

Para Marcuse, retornando agora ao contexto de *One-Dimensional Man*, a posição do «conceito» como *ser* significa que ele devém *medida* de aquilo que *verdadeiramente é*; implica, portanto, um ajuizamento *negativo* do existente que com ele não coincide, bem como o *dever-ser* (moral e prático) da realização desse conteúdo conceitual:

«Julgados à luz da sua essência e ideia, os homens e as coisas existem como diferentes [*other*] do que [aquilo] que são; conseqüentemente, o pensamento [*thought*] contradiz aquilo que está (dado), opõe a sua verdade à [verdade] da realidade dada. A verdade encarada pelo pensamento é a Ideia.»³⁸.

A moldura em que esta passagem se insere é, como não é difícil de depreender, a de um diálogo de pensamentos em que a figura de Platão assoma como referência explícita, e em que os motivos hegelianos espreitam (já que, por caminhos, com um teor doutrinário e um alcance, acentuadamente distintos também para Hegel a «idealidade» concretizada corresponde à figura do «verdadeiro»³⁹).

Desta sua leitura da «teoria das Ideias» procura, no entanto, Marcuse extrair fundamentalmente «a potencialidade essencial» (*the essential potentiality*) do «conceito», da qual, do mesmo passo, decorre uma obrigação moral de o realizar – «porque pensar de acordo com a verdade é o compromisso de existir de acordo com a verdade» (*for thinking in accordance with truth is the commitment to exist in accordance with truth*)⁴⁰.

E esta perspectiva da verdade (colhida na plenitude das potencialidades que recobre e descobre), por sua vez, tem que determinar também uma «subversão

³⁷ «das Sein als Sollen ist keine jenseits des Seienden aufgerichtete Norm, sondern eine im Sein des Seienden selbst liegende “Bestimmung”», MARCUSE, *Hegels Ontologie und die Theorie der Geschichtlichkeit*, I, 12; ed. cit., p. 147.

³⁸ «Judged in the light of their essence and idea, men and things exist as other than they are; consequently thought contradicts that which is (given), opposes its truth to that of the given reality. The truth envisaged by thought is the Idea.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 5; ed. cit., p. 132.

³⁹ Sobre este tópico, veja-se, por exemplo, o meu estudo: «A Concepção Hegeliana da Verdade», *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, n.º 21-22 – 5ª Série (1996-1997), pp. 197-209.

⁴⁰ Linhas adiante, nesta mesma passagem, Marcuse dirá também:

«Conseqüentemente, o pensamento, pela situação dos seus objectos, é levado a medir a verdade deles em termos de uma outra lógica, de um outro universo de discurso. E esta lógica projecta um outro modo de existência: a realização da verdade nas palavras e nos feitos do homem.» – «Consequently, thought is led, by the situation of its objects, to measure their truth in terms of another logic, another universe of discourse. And this logic projects another mode of existence: the realization of the truth in the words and deeds of man.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 5; ed. cit., pp. 133-134.

da ordem estabelecida» (*a subversion of the established order*), dada a manifesta incongruência desta com aquilo que como exigência se adianta.

O fundamental contorno ético-ontológico desta posição deixa-se, deste modo, surpreender com nitidez, na implicação mesma que enuncia e que a constitui:

«Assim, o carácter subversivo da verdade inflinge ao pensamento uma qualidade *imperativa*. A lógica centra-se sobre juízos que são, enquanto proposições demonstrativas, imperativos [*imperatives*]: o predicativo “é” [*is*] implica um “dever-ser” [*ought*].»⁴¹.

Esta inclusão prospectiva do *dever-ser* no próprio *ser* do conceito procura, no entanto, evitar um desvanecimento na mera teleologia metafísica (no limite: indiciadora de algum determinismo fatalista), através do resgate da dimensão da prática. O dever-ser tem que ser, porque *deve* ser, obra de instauração humana.

A dialéctica do ser devém, portanto, uma como «ético-ontologia», cuja teoria, de entrada, se sobredetermina por um desiderato prático (não imune a mobilizações reverberações prático-morais):

«O pensamento dialéctico compreende a tensão crítica entre “ser” [*is*] e “dever-ser” [*ought*], primeiro, como uma condição ontológica, pertencente à estrutura do próprio Ser [*Being*]. No entanto, o reconhecimento deste estado do Ser – a sua teoria – visa, desde o começo, uma *prática* concreta.»⁴².

No fundo, esta repescagem marcuseana do *Sollen* não configura por completo um regresso à legislação da razão pura prática à maneira de Kant, mas, por outro lado, não deixa de forçar (em sentido «moral») a dialéctica intrínseca da contraditoriedade veniente do real, que Hegel esclarecidamente havia cuidado de pôr em destaque.

A convocatória deste reatar com o *Sollen* corresponde, em suma, ao dispositivo teórico que Marcuse encontrou para justificar *moralmente* a transformação necessária – como consumação de uma ideia/conceito de humanidade pacificada, tanto mais urgente quanto a repressão reinante (aberta e sublimada) manifestamente a exige, e quanto para ela parecem começar a estar disponíveis (desde que reorientados nas suas metas e no seu enquadramento) promissores requisitos de materialização.

⁴¹ «Thus, the subversive character of truth inflicts upon thought an *imperative* quality. Logic centers on judgments which are, as demonstrative propositions, imperatives, – the predicative “is” implies an “ought”.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 5; ed. cit., p. 132.

⁴² «Dialectical thought understands the critical tension between “is” and “ought” first as an ontological condition, pertaining to the structure of Being itself. However, the recognition of this state of Being – its theory – intends from the beginning a concrete *practice*.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 5; ed. cit., p. 133.

A revalorização da dimensão axiológico-moral – como insígnia de militante confronto da forma determinada do existente (que se reprova) com uma «ordem de valores» à qual, pelo menos em parte, o próprio estabelecido não deixa de proclamar abstracta (e envergonhada) reverência – converte-se, assim, sobretudo se associada a uma movimentação social adequada que ela seja susceptível de despertar, em instrumento de *crítica* e de potencial alteração do estado das coisas:

«A moralidade não é necessariamente, e não [é] primariamente, ideológica. Face a uma sociedade amoral, ela torna-se uma arma política, uma força efectiva que leva as pessoas a queimar as suas guias de recrutamento [*draft cards*], a ridicularizar dirigentes nacionais, a manifestar-se nas ruas, e a desdobrar cartazes que dizem “Não matarás” nas igrejas da nação.»⁴³.

Reatando com uma tradição de leitura antropológica e social da tensão-lidade inscrita por Freud na própria base instintual dos comportamentos – que, designadamente, *Eros and Civilization*, de 1955, havia explorado já num amplo sentido de *Kulturkritik*⁴⁴ –, a moralidade, reinstalada a partir desse fundamento, vê-se recuperada agora numa perspectiva política de emancipação prática:

⁴³ «Morality is not necessarily and not primarily ideological. In the face of an amoral society, it becomes a political weapon, an effective force which drives people to burn their draft cards, to ridicule national leaders, to demonstrate in the streets, and to unfold signs saying, “Thou shalt not kill,” in the nation’s churches.», MARCUSE, *An Essay on Liberation*, I; ed. cit., p. 8.

⁴⁴ «O próprio progresso da civilização sob o princípio do rendimento [*performance principle*] atingiu um nível de produtividade em que as exigências sociais de que a energia instintual seja gasta em trabalho alienado podiam ser consideravelmente reduzidas. Consequentemente, a continuada organização repressiva dos instintos parece ser necessitada menos pela “luta pela existência” do que pelo interesse em prolongar essa luta: pelo interesse na dominação.» – «The very progress of civilization under the performance principle has attained a level of productivity at which the social demands upon instinctual energy to be spent in alienated labor could be considerably reduced. Consequently, the continued repressive organization of the instincts seems to be necessitated less by the “struggle for existence” than by the interest in prolonging this struggle – by the interest in domination.», MARCUSE, *Eros and Civilization*, II, 6; ed. cit., pp. 117-118.

Segundo uma formulação mais tardia desta mesma denúncia, que, no entanto, trata de salvar algum espaço de acolhimento para a putativa «distribuição» alargada dos «benefícios da exploração» (que, não obstante, acabam por reforçar uma «integração» alienante no «sistema» pela expectativa das «gratificações», repressivas, que não deixa de proporcionar):

«Seguramente, a “ordem objectiva das coisas” é ela própria o resultado de dominação, mas é apesar disso verdade que a dominação gera agora uma racionalidade superior: a de uma sociedade que sustenta a sua estrutura hierárquica enquanto explora cada vez mais eficientemente os recursos naturais e mentais, e distribui os benefícios dessa exploração numa escala cada vez mais ampla. Os limites desta racionalidade, e a sua força sinistra, aparecem na progressiva escravização [*enslave-ment*] do homem por um aparelho produtivo que perpetua a luta pela existência e a estende a uma luta internacional total que arruina as vidas de aqueles que constroem e usam esse aparelho.» – «To be sure, the “objective order of things” is itself the result of domination, but it is nevertheless true that domination now generates a higher rationality – that of a society which sustains its hierarchic structure while exploiting ever more efficiently the natural and mental resources,

«O radicalismo político implica, assim, radicalismo moral: a emergência de uma moralidade que podia preconditionar o homem para a liberdade. Este radicalismo activa a fundação [*foundation*] elementar, orgânica, da moralidade no ser humano. Previamente a todo o comportamento ético de acordo com padrões sociais específicos [*specific social standards*], previamente a toda a expressão ideológica, a moralidade é uma “disposição” do organismo, talvez enraizada na pulsão erótica [*erotic drive*] para contrariar a agressividade, e para criar e preservar “unidades” de vida “cada vez maiores” [*ever greater*].»⁴⁵.

§ 7. A «racionalidade» irracional.

Acabamos, deste modo, de delinear esquematicamente aqueles que se me afiguram ser alguns dos traços supositais que enformam as análises e os prospectos que *One-Dimensional Man* desenvolve.

O retrato que a teoria crítica traça das formações recobertas pela categoria de «sociedades industriais avançadas» está muito longe de ser lisonjeiro:

«A união de produtividade crescente e de crescente destruição; a iminência [*brinkmanship*] de aniquilação; a rendição [*surrender*] do pensamento, da esperança, e do medo às decisões dos poderes instalados [*the powers that be*]; a preservação da miséria face a uma riqueza sem precedentes – constituem a acusação [formal, ou a nota de culpa: *indictment*] mais imparcial; mesmo se eles não são a *raison de ser* [*raison d'être*] desta sociedade, mas apenas o seu subproduto: a sua racionalidade arrastadora [*sweeping rationality*], que propulsiona a eficiência e o crescimento, é ela própria irracional.»⁴⁶.

and distributing the benefits of this exploitation on a ever-larger scale. The limits of this rationality, and its sinister force, appear in the progressive enslavement of man by a productive apparatus which perpetuates the struggle for existence and extends it to a total international struggle which ruins the lives of those who build and use this apparatus.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 6; ed. cit., p. 144.

⁴⁵ «Political radicalism thus implies moral radicalism: the emergence of a morality which might precondition man for freedom. This radicalism activates the elementary, organic foundation of morality in the human being. Prior to all ethical behavior in accordance with specific social standards, prior to all ideological expression, morality is a “disposition” of the organism, perhaps rooted in the erotic drive to counter aggressiveness, to create and preserve “ever greater unities” of life.», MARCUSE, *An Essay on Liberation*, I; ed. cit., p. 10.

⁴⁶ «The union of growing productivity and growing destruction; the brinkmanship of annihilation; the surrender of thought, hope and fear to the decisions of the powers that be; the preservation of misery in the face of unprecedented wealth constitute the most impartial indictment – even if they are not the *raison d'être* of this society but only its by-product: its sweeping rationality, which propels efficiency and growth, is itself irrational.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, Introduction; ed. cit., p. XIII.

Nestas sociedades, o «Estado do bem-estar» (*Welfare State*) converte-se em «Estado para a guerra» (*Warfare State*)⁴⁷, o enfunamento fantasmático do estribilho da «ameaça» e do «Inimigo» transforma-se em dispositivo quotidiano de «contenção da mudança social e da perpetuação de servidão»⁴⁸, «o risco de uma evitável destruição pela mão do homem [*man-made*] tornou-se um equipamento normal da domesticidade [*household*] tanto mental como material das pessoas»⁴⁹, e devém ele próprio uma fonte sabiamente manipulada de lucro (económico e ideológico).

A «racionalidade tecnológica», ao submeter aos seus ditames o universo todo da existência, operou uma «transmutação» (*transmutation*) na própria ideia de Razão, transformou-se numa «lógica de dominação» (*logic of domination*)⁵⁰; ao secar e repelir de si o vector constitutivo da *contradição*, tornou-se, nas e através das suas próprias realizações e sucessos, manifestação quotidiana de «Irrazão» (*Unreason*)⁵¹.

Ao nível da estrutura que preside à produção e à reprodução do viver das comunidades – no âmbito colectivo, como na esfera da intimidade –, e contrariamente a tudo aquilo que, de modo diferenciado, é soberba e vibrantemente propagandeado (inclusivamente pelos altifalantes dos arautos do «mundo livre»), a figura depreciativa do «totalitarismo» é chamada a fazer uma aparição insuspeitada no próprio âmbito do capitalismo:

«Nesta sociedade, o aparelho produtivo tende a tornar-se totalitário, na medida em que determina não apenas as ocupações, competências e atitudes socialmente requeridas [*socially needed*], mas também necessidades [*needs*] e aspirações individuais.»⁵².

E, a terminar a obra, os termos do diagnóstico continuam a revelar-se arrasadores: «irracionalidade crescente do todo; desperdício e restrição da produtividade; a precisão de expansão agressiva; a ameaça constante de guerra; exploração intensificada; desumanização.» – «**increasing irrationality of the whole; waste and restriction of productivity; the need for aggressive expansion; the constant threat of war; intensified exploitation; dehumanization.**», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, Conclusion; ed. cit., p. 252.

⁴⁷ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; p. 19.

⁴⁸ «**containment of social change and perpetuation of servitude**», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., pp. 51-52.

⁴⁹ «**the risk of avoidable, man-made destruction has become normal equipment in the mental as well as material household of the people**», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 78.

⁵⁰ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 5; ed. cit., p. 123.

⁵¹ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 5; ed. cit., p. 142.

⁵² «**In this society, the productive apparatus tends to become totalitarian to the extent to which it determines not only the socially needed occupations, skills, and attitudes, but also individual needs and aspirations.**», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, Introduction; ed. cit., p. XV.

§ 8. A unidimensionalização.

A *unidimensionalidade* perfila-se, por conseguinte, neste marco e neste horizonte, como *ausência*, como *recondução* desactivadora a uma ordem que as absorve ou dissolve, e sobremaneira: como *repressão*, daquelas vertentes e vectores que, por um lado, relativizam (ou fragilizam) a positividade (ao tornarem manifesta a concreção dos seus contextos e da sua génese) e que, por outro lado, incontornavelmente apontam para uma necessária transcendência – objectivamente possível, e subjectivamente convertível em insígnia de combate – do estado de coisas instalado e dominante.

Para Friedrich Hayek, o totalitarismo estabelecia-se fundamentalmente por uma equação com o «colectivismo», apostado em destruir os valores e os fundamentos «individualistas» de uma sociedade genuinamente capitalista:

«As várias espécies de colectivismo – comunismo, fascismo, etc. – diferem entre elas pela natureza do objectivo [*goal*] em direcção ao qual querem dirigir os esforços da sociedade. Mas todas elas diferem do liberalismo e do individualismo por quererem organizar o conjunto da sociedade [*the whole of society*] e todos os seus recursos para este fim unitário, e por se recusarem a reconhecer esferas autónomas em que os fins dos indivíduos são supremos. Em suma, elas são totalitárias no verdadeiro sentido desta palavra nova que nós adoptámos para descrever as manifestações inesperadas, mas não obstante inseparáveis, de aquilo que na teoria chamamos colectivismo.» – «The various kinds of collectivism, communism, fascism, etc., differ between themselves in the nature of the goal towards which they want to direct the efforts of society. But they all differ from liberalism and individualism in wanting to organise the whole of society and all its resources for this unitary end, and in refusing to recognise autonomous spheres in which the ends of the individuals are supreme. In short, they are totalitarian in the true sense of this new word which we have adopted to describe the unexpected but nevertheless inseparable manifestations of what in theory we call collectivism.», Friedrich A. HAYEK, *The Road to Serfdom* (1944), V; London-Henley, Routledge & Kegan Paul, 1979⁴, p. 42.

Para Hannah Arendt, o fenómeno tem basicamente a ver com o «nazismo» e com o «stalinismo», na medida em que «os movimentos totalitários são possíveis onde quer que haja massas que, por uma razão ou por outra, adquiriram o apetite de organização política.» – «Totalitarian movements are possible wherever there are masses who for one reason or another have acquired the appetite for political organization.», Hannah ARENDT, *Totalitarianism* (1951), I, 1; San Diego-New York-London, A Harvest/HBJ Book, 1968³, p. 9.

A abordagem de Marcuse parece encontrar-se aqui mais em consonância com perspectivas partilhadas pela «teoria crítica» de Horkheimer e de Adorno:

«A contra-razão [*die Widervernunft*] do capitalismo totalitário, cuja técnica de satisfazer precisões [ou necessidades: *Bedürfnisse*], na sua figura objectivada, determinada pela dominação, torna impossível a satisfação das precisões, e leva ao extermínio dos seres humanos – esta contra-razão está prototipicamente desenvolvida no herói que se exime ao sacrifício, sacrificando-se. A história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Por outras palavras: a história da renúncia.» – «Die Widervernunft des totalitären Kapitalismus, dessen Technik, Bedürfnisse zu befriedigen, in ihrer vergegenständlichten, von Herrschaft determinierten Gestalt die Befriedung der Bedürfnisse unmöglich macht und zur Ausrottung der Menschen treibt – diese Widervernunft ist prototypisch in Heros ausgebildet, der dem Opfer sich entzieht, indem er sich opfert. Die Geschichte der Zivilisation ist die Geschichte der Introversion des Opfers. Mit anderen Worten: die Geschichte der Entsagung.», HORKHEIMER-ADORNO, *Dialektik der Aufklärung*, Excurs I: Odysseus oder Mythos und Aufklärung; ADORNO, GS, vol. 3, p. 73.

O modelo ou o «padrão» (*pattern*) do pensamento, e do «comportamento» (*behavior*), *unidimensional* caracteriza-se, deste modo, por um conjunto de procedimentos em que «ideias, aspirações e objectivos que, pelo seu conteúdo, transcendem o universo estabelecido de discurso e de acção são ou repelidos, ou reduzidos a termos desse universo»⁵³, no quadro de uma sofisticada operação de desminagem (intelectual, prática, e afectiva) em que uma apropriada redefinição e reencaminhamento – designadamente, por recurso a uma «des-sублиmação ajustada» (*adjusted desublimation*) em que se promove a «satisfação de uma maneira que gera submissão e enfraquece a racionalidade do protesto»⁵⁴ – lhes embota o *acumen* crítico.

Esta unidimensionalidade – que o próprio desenvolvimento tecnológico não deixa de inscrever na sua matriz reitora⁵⁵, de algum modo, como uma *tecno-logificação* da realidade que expressa, do mesmo passo que mascara, a irracionalidade do «racional» apregoado –

reforça um viver orientado em exclusivo para a eficiência e o incremento de uma produtividade concorrencial, regida pela lógica do lucro e assente numa persistente exploração de trabalho alienado⁵⁶;

priva a linguagem das próprias mediações que lhe entreabrem registos de não simples aderência ao *continuum* fáctico, pelo privilégio continuado – hipnó-

⁵³ «ideas, aspirations, and objectives that, by their content, transcend the established universe of discourse and action are either repelled or reduced to terms of this universe.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 1; ed. cit., p. 12.

⁵⁴ «satisfaction in a way which generates submission and weakens the rationality of protest», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 75.

⁵⁵ «As tendências estabilizadoras conflituam com os elementos subversivos da Razão, o poder do [pensar] positivo com o do pensar negativo [*negative thinking*], até que as façanhas [*achievements*] da civilização industrial avançada conduzem ao triunfo da realidade unidimensional sobre toda a contradição.» – «The stabilizing tendencies conflict with the subversive elements of Reason, the power of positive with that of negative thinking, until the achievements of advanced industrial civilization lead to the triumph of the one-dimensional reality over all contradiction.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 5; ed. cit., 124.

⁵⁶ «A gestão científica e a divisão científica do trabalho incrementaram largamente a produtividade do empreendimento [*enterprise*] económico, político e cultural. Resultado: o padrão [*standard*] de vida mais elevado. Ao mesmo tempo, e com o mesmo fundamento [*ground*], este empreendimento racional produziu um padrão [*pattern*] de espírito [*mind*] e de comportamento que justificava e absolvía mesmo os traços mais destrutivos e opressivos do empreendimento. A racionalidade científico-técnica e a manipulação estão caldeadas em novas formas de controlo social.» – «Scientific management and scientific division of labor vastly increased the productivity of the economic, political, and cultural enterprise. Result: the higher standard of living. At the same time and on the same ground, this rational enterprise produced a pattern of mind and behavior which justified and absolved even the most destructive and oppressive features of the enterprise. Scientific-technical rationality and manipulation are welded together into new forms of social control.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 6; ed. cit., p. 146.

tico e assimilante – de «a palavra que ordena e organiza, que induz as pessoas a fazer, a comprar, e a aceitar»⁵⁷;

promove um positivismo generalizado que deixa o real intocado e aborrece toda a transgressão⁵⁸, pela «rejeição ou desvalorização daqueles elementos de pensamento e de fala que transcendem o sistema aceite de validação»⁵⁹, estatuidando, deste modo, um gravoso enclausuramento da análise, na medida em que «o alcance do ajuizamento está confinado a um contexto de factos que exclui que se ajuíze do contexto em que os factos são feitos, feitos pelo homem [*man-made*], e no qual a sua significação, função, e desenvolvimento são determinados»⁶⁰;

liquida a própria «bi-dimensionalidade» constitutiva da cultura – em que, polifonicamente, uma instância «outra» devém objecto de cuidado, e perspectiva (crítica) do acontecer –, pela sua comercializada e «massificada» recondução ou degradação a «forma de mercadoria» (*commodity form*)⁶¹, no plano do consumo e, acrescento eu, no próprio registo da produção (o que, estrategicamente, é ainda mais gravoso);

perverte e bloqueia o potencial emancipador originariamente inscrito no cerne da própria técnica, pela conversão preponderante desta em simples mecanismo multiplicador de uma sujeição mais rentável: «A força libertadora da tecnologia – a instrumentalização de coisas – torna-se num grilhão [*fetter*] da libertação: na instrumentalização do homem.»⁶².

Em suma, a unidimensionalização perpassa, intensifica e aperfeiçoa todo um conjunto de dispositivos sociais de *controlo* e de reprodução, sem cuja implementação bem oleada os modelos de dominação vigentes veriam certa e seriamente ameaçada a dócil persistência do seu império.

§ 9. Uma crítica da «consciência feliz».

Hegel, na *Fenomenologia do Espírito*, havia falado longamente da «consciência infeliz» (*unglückliches Bewußtsein*), dramaticamente enredada no interior da experiência do seu próprio «rasgamento» (*Zerissenheit*), desamparadamente

⁵⁷ «the word that orders and organizes, that induces people to do, to buy, and to accept.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., p. 86.

⁵⁸ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 7; ed. cit., p. 173.

⁵⁹ «rejection or devaluation of those elements of thought and speech which transcend the accepted system of validation.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 7; ed. cit., p. 184.

⁶⁰ «the range of judgment is confined within a context of facts which excludes judging the context in which the facts are made, man-made, and in which their meaning, function, and development are determined.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., pp. 115-116.

⁶¹ Cf. Marcuse, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 57.

⁶² «The liberating force of technology – the instrumentalization of things – turns into a fetter of liberation; the instrumentalization of man.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 6; ed. cit., p. 159.

entregue apenas a uma «esperança» (*Hoffnung*) «sem preenchimento» (*ohne Erfüllung*), praticamente deficitária no seu projecto de reconfiguração do mundo pelo trabalho⁶³ – inconsolável, em suma, na «dor» (*Schmerz*) pela «perda» (*Verlust*) de uma «essencialidade» (*Wesenheit*) sólida, porque «deus morreu» (*Gott gestorben ist*)⁶⁴.

Marcuse, no contorno das sociedades que faz passar pelo crivo da sua crítica, vê-se obrigado a falar de um fenómeno novo que elas engendram e acarinham: a «consciência feliz» (*happy consciousness*) da multidão de aqueles violentados que, pela sua integração (multifacetadamente induzida) no sistema, nem sequer se apercebem da realidade (e das alternativas) da miseranda condição em que são quotidianamente colocados, que acatam, que defendem como se de um bem próprio se tratasse, e que, para cúmulo, reconhecidamente agradecem.

A iliberdade reinante, para se conservar e manter, não pode deixar de fornecer as compensações que mais convêm aos seus desígnios de perduração com um mínimo de sobressaltos.

A falta de consciência (real, ou do real) pode disfarçar-se numa peculiar «consciência» *satisfeita*, mesmo entre aqueles que poucas ou nenhuma razão possuem para esse mítico (e mitificado) contentamento:

Uma «perda de consciência [*loss of conscience*] devida às liberdades satisfatórias [*satisfactory liberties*] concedidas por uma sociedade não-livre [*unfree*] contribui para [promover, *to make for*] uma *consciência feliz* [*happy consciousness*] que facilita uma aceitação das maldades [*misdeeds*] desta sociedade. É a marca [*token*] de uma autonomia e de uma compreensão em declínio.»⁶⁵.

Como decorrência dos múltiplos processos de unidimensionalização, «o resultado é a atrofia dos órgãos mentais para apreender as contradições e as alternativas, e na única dimensão da racionalidade tecnológica que resta, a *Consciência Feliz* vem a prevalecer. Ela reflecte a crença de que o real é racional e de que o sistema estabelecido, apesar de tudo, cumpre [ou, literalmente: entrega as mercadorias, *it delivers the goods*].»⁶⁶.

⁶³ Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*; TW, vol. 3, pp. 163-177.

⁶⁴ Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*; TW, vol. 3, p. 547.

⁶⁵ «*loss of conscience due to the satisfactory liberties granted by an unfree society makes for a happy consciousness which facilitates acceptance of the misdeeds of this society. It is the token of declining autonomy and comprehension.*», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 76.

⁶⁶ «*The result is the atrophy of the mental organs for grasping the contradictions and the alternatives and, in the one remaining dimension of technological rationality, the Happy Consciousness comes to prevail. It reflects the belief that the real is rational, and that the established system, in spite of everything, delivers the goods.*», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 79.

Uma combinação de introjecção dos controlos externos e de mimetismo identificador⁶⁷ – salpicada de algumas pitadas de uma «liberdade repressiva» que redundam em «sufocação efectiva daquelas necessidades [needs] que exigem libertação»⁶⁸ (do mesmo passo que publicita e multiplica ilusões de uma «escolha livre»⁶⁹) – engendra e alimenta o «novo conformismo» (*new conformism*), tecido e entretecido de um reacordar de sentimentos de gregarismo que reconfortam (numa atitude defensiva) e desculpabilizam (inclusivamente, a guerra ou a tortura⁷⁰).

Num ambiente de acolhimento apropriado, «a prevalência de necessidades repressivas» (*the prevalence of repressive needs*) que, todavia, vão conhecendo alguma medida (ou expectativa) de satisfação – ainda que sob o patrocínio reitor da heteronomia – desemboca numa grassante «euforia na infelicidade» (*euphoria in unhappiness*), não obstante rebaptizada de, e, o que é mais, sentida como, «felicidade»⁷¹.

As imagens espelhadas de um «bem-estar» que parece encontrar-se para qualquer um ao alcance da mão – se, com maior afino e entrega, se observarem os preceitos da laboração inculcada – são enganadoras, mas forjam e descaracterizam o próprio aparelho da sensibilidade dos oprimidos. É tudo uma questão de lhes saber «fazer a cabeça» – e o coração.

E a unidimensionalização invade, ao jeito de uma maré galopante, a própria esfera da organização e da actividade políticas, de que tende paulatinamente a apoderar-se: «Uma iliberdade [*unfreedom*] confortável, macia, razoável, democrática prevalece na civilização industrial avançada, [é] uma marca de progresso técnico. [...] Independência de pensamento, autonomia, e o direito à oposição

⁶⁷ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 1; ed. cit., p. 10.

⁶⁸ «effective suffocation of those needs which demand liberation», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 1; ed. cit., p. 7.

⁶⁹ «Escolha livre entre uma larga variedade de bens e serviços não significa liberdade, se esses bens e serviços sustentam controlos sociais sobre uma vida de trabalho pesado [*toil*] e de medo – isto é, se eles sustentam [a] alienação. E a reprodução espontânea pelo indivíduo de necessidades [needs] sobre-impostas não estabelece autonomia; apenas testemunha da eficácia dos controlos.» – «Free choice among a large variety of goods and services does not signify freedom if these goods and services sustain social controls over a life of toil and fear – that is, if they sustain alienation. And the spontaneous reproduction of superimposed needs by the individual does not establish autonomy; it only testifies to the efficacy of the controls.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 1; ed. cit., pp. 7-8.

⁷⁰ «Obviamente, no domínio da Consciência Feliz [*Happy Consciousness*], o sentimento de culpa não tem lugar, e o cálculo toma conta [ou cuida, *to take care of*] da consciência [*conscience*]. Quando o todo [*the whole*] está em jogo, não há crime a não ser o de rejeitar o todo ou o de não o defender.» – «Obviously, in the realm of the Happy Consciousness, guilt feeling has no place, and the calculus takes care of conscience. When the whole is at stake, there is no crime except that of rejecting the whole, or not defending it.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 82.

⁷¹ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, Introduction; ed. cit., p. 5.

política estão a ser privados da sua função crítica básica numa sociedade que parece crescentemente capaz de satisfazer as necessidades [*needs*] dos indivíduos através da maneira como está organizada.»⁷².

§ 10. *Um necessário «novo ingresso» da consciência de liberdade.*

Contra este pantanoso e tépido marasmo em que a «consciência feliz» (sorratamente inculcada e largamente disseminada) adormece, se aconchega e aliena, Marcuse reclama como condição da sua possível abolição o advento de um adicional de consciência:

«um novo ingresso [*ingression*] de liberdade – não de qualquer liberdade, mas da de homens que compreendem a necessidade dada [*the given necessity*] como sofrimento insuportável [*insufferable pain*], e como desnecessária.»⁷³.

Há que romper as rotinas de uma repetitiva flexão mundana que induz, e «premeia», hábitos roncios de acomodação: «O poder que esta sociedade adquiriu sobre o homem é diariamente absolvido pela eficácia e produtividade dela.»⁷⁴.

A re-flexão tem, assim, que assumir a coragem de tornar patente aquilo que do fundo de uma sensibilidade reprimida e embotada continua, não obstante, a pulsar: o sentimento da intolerável irracionalidade do sistema que rege, determina e «racionaliza» (isto é, faz passar por «racionais» à luz do «princípio de realidade» hegemónico⁷⁵) os comportamentos conformados.

⁷² «A comfortable, smooth, reasonable, democratic unfreedom prevails in advanced industrial civilization, a token of technical progress. [...] Independence of thought, autonomy, and the right to political opposition are being deprived of their basic critical function in a society which seems increasingly capable of satisfying the needs of the individuals through the way in which it is organized.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 1; ed. cit., p. 1.

⁷³ «a new ingress of freedom – not any freedom, but that of men who comprehend the given necessity as insufferable pain, and as unnecessary.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 8; ed. cit., p. 222.

⁷⁴ «The power over man which this society has acquired is daily absolved by its efficacy and productiveness.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., p. 84.

⁷⁵ Marcuse denuncia no hegemonismo ideológico das «sociedades industriais avançadas» a vigência (autojustificadora) de um «mundo invertido», que importa voltar a colocar sobre os seus verdadeiros pés, por mais violento que se revele o denegrimento instalado desta operação de «rectificação».

Quando o «pensamento racional», para justificar a sua autopersistência e a dominação que enquadra, regride a um estádio em que passa a ser detentor de um «estatuto mitológico» (*mythological status*), «as teorias que identificam e projectam possibilidades históricas» que para além dele conduzem «podem tornar-se irracionais, ou antes: aparecer como irracionais, porque contradizem a racionalidade do universo estabelecido de discurso e de comportamento.» – «theories which identify and project historical possibilities may become irrational, or rather appear irrational because

Com efeito, a *liberdade* – mais do que «nome» e «coisa», ou seja, entidade objecto de substantivação – é fundamentalmente *acto* de *libertação*, *tarefa* de libertação. O desenvolvimento dialéctico desse processo histórico requer, por conseguinte, o envolvimento de uma consciência fundada e lúcida das «potencialidades libertadoras» (*liberating potentialities*).

Nestes termos, tomada de consciência (susceptível de conduzir para além do proporcionado e consentido pela sociedade instalada) e combate esclarecido (contra esse mesmo *establishment*)⁷⁶ afiguram-se a Marcuse ser os caminhos do resgate de uma genuína condição humana que, apesar de obnubilada e reprimida, não terá por completo, nem para todos, apagado e perdido os vestígios de uma vitalidade a mobilizar – ainda que, porventura, os confiantes sinais de esperança se encontrem, na imediatez do mundo circundante, bastante descoloridos.

§ 11. Uma reaparição do determinismo tecnológico?

É bastante citada – o que não significa por si só que seja suficientemente conhecida – uma passagem da *Miséria da Filosofia*, segundo a qual «o moínho braçal dar-vos-á a sociedade com o suserano; o moínho a vapor, a sociedade com o capitalista industrial.»⁷⁷.

Pelo contexto, resulta claro que Marx está aqui a pôr em evidência a *articulação* fundamental que subsiste entre forças produtivas, relações de produção e também representações sociais na consciência, bem como a sua *historicidade* ou transitoriedade (ao longo da qual profundas transformações vão tendo lugar) – e não, como é interpretação corrente em alguns sectores, a instituir um qualquer mecânico determinismo tecnológico.

they contradict the rationality of the established universe of discourse and behaviour.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 7; ed. cit., p. 188.

Também aqui uma consciência correcta (das situações e das suas possibilidades tendenciais) devém condição de uma *liberdade* realmente instauradora de *libertação*.

⁷⁶ «No grau em que a consciência está determinada pelas exigências e interesses da sociedade estabelecida, ela é “não-livre” [*unfree*]; no grau em que a sociedade estabelecida é irracional, a consciência torna-se livre para a superior racionalidade histórica apenas na luta *contra* a sociedade estabelecida. A verdade e a liberdade do pensar negativo têm o seu fundamento [*ground*] e razão nesta luta.» – «To the degree to which consciousness is determined by the exigencies and interests of the established society, it is “unfree”; to the degree to which the established society is irrational, the consciousness becomes free for the higher historical rationality only in the struggle *against* the established society. The truth and the freedom of negative thinking have their ground and reason in this struggle.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 8; ed. cit., p. 222.

⁷⁷ «Le moulin à bras vous donnera la société avec le suzerain; le moulin à vapeur, la société avec le capitaliste industriel.», MARX, *Misère de la Philosophie. Réponse à la Philosophie de la Misère de M. Proudhon*, II, 1, 2; *Oeuvres*, ed. Maximilien Rubel, Paris, Éditions Gallimard, 1965, vol. I, p. 79.

Marcuse também faz referência a este passo, insinua que ele instaura um certo primado das forças produtivas tecnológicas, informa que esta posição teria vindo a ser posteriormente corrigida na teoria marxiana, mas acrescenta algo que, na ambiguidade que veicula, deixa entrever algum retrocesso ou regresso à ideia inicialmente admitida (e, entretanto, superada):

«o modo social de produção, não a técnica, é o factor histórico básico. No entanto, quando a técnica se torna a forma universal de produção material, ela circunscreve uma cultura inteira; projecta uma totalidade histórica – um “mundo”.»⁷⁸.

Penso que fica aqui aberta a porta – na sequência, aliás, de toda uma *Lebensphilosophie* da Técnica, de recorte e de extracção muito variegados – para a entrada em cena de um suposto matricial que marca todo o enfoque marcuseano dos problemas.

Sem dúvida que o teor determinado e o lugar social atribuído às técnicas desempenham um papel relevante na modelação (e na compreensão) do mundo e da vida, consoante diferentes estádios de desenvolvimento das formações económicas e sociais; coisa bem diferente, porém, é converter a «técnica» em *primordial* factor determinante da configuração social.

Em termos simplificados, o modo de produção capitalista – também ele detentor de uma história, na medida em que não é uma simples «forma lógica» de aplicação abstracta – lançou mão, e continua a lançar mão, de diferentes dispositivos técnicos, que não são indiferentes para os contornos que em cada etapa do seu percurso vai assumindo; todavia, não é exactamente *pela* técnica utilizada que esse modo de produção é «capitalista».

Ora, é precisamente esta tese que Marcuse visa combater – ou, talvez mais rigorosamente: não acolhe na estruturação crítica do seu pensamento, que opta por uma via em que ela se vê desprovida de primacialidade quanto ao embasamento⁷⁹.

⁷⁸ «the social mode of production, not technics is the basic historical factor. However, when technics becomes the universal form of material production, it circumscribes an entire culture; it projects a historical totality – a “world”.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 6; ed. cit., p. 154.

⁷⁹ Divergências desta índole – aparentemente, de natureza científica ou concepcional – costumam carregar no bojo um inapagável (e, não raro, deliberadamente procurado) alcance ideológico.

Lembremos, como flagrante ilustração, que também para a chamada «teoria dos estádios do crescimento económico» – em que este se vê fundamentalmente vinculado à «absorção eficiente» (*efficient absorption*) de novas tecnologias – o capitalismo perde o seu estatuto estrutural determinante, e devém, discretamente, apenas «uma base analítica inadequada para dar conta da prestação [*performance*] das sociedades Ocidentais» – «an inadequate analytic basis to account for the performance of Western societies», Walt Whitman ROSTOW, *The Stages of Economic Growth. A Non-Communist Manifesto* (1960), 10; Cambridge-New York-New Rochelle-Melbourne-Sydney, Cambridge University Press, 1989³, p. 150.

§ 12. *O modelo englobante da «sociedade industrial avançada».*

Com efeito, a análise de Marcuse – sem hesitação o digo, a muitos títulos, interessante e sugestiva – encontra-se de antemão colocada sob o condicionamento reitor da categoria, una e unificadora, de «sociedade industrial avançada».

Esta categoria assoma, então, como estrutura de uma racionalidade técnico-científica abrangente e principal que – muito em especial, no contorno histórico em que lhe é dado pensar e escrever – relegaria de pronto para um plano recuado e secundário a diferença *qualitativa de natureza* entre, designadamente, «capitalismo» e «socialismo», enquanto matrizes, diferenciadas e constitutivamente diferentes, da formação económica e social que preside à produção e reprodução do viver.

Independentemente de um juízo sobre o efectivo desempenho empírico e pragmático destas duas formações – matéria, decerto, de pesquisa e de avaliação histórica –, a condição partilhada de pertença a um mesmo modelo de «civilização industrial avançada» com uma mesma lógica interna específica de funcionamento, por um lado, e a circunstância verificada da concorrência e da competição entre os dois sistemas mundiais (e, ao tempo, as duas superpotências e blocos), por outro lado, levariam à sua subsunção numa mesma categoria, sob a qual, e à luz da qual, deveriam ser pensadas e objecto de escrutínio.

O posicionamento que Marcuse toma no contexto da fervilhante luta ideológica da altura parece apontar, com clareza, para uma sua demarcação quer relativamente às contraposições inflamadas e abstractas de «mundo livre» e «totalitarismo», quer face a uma rejeição liminar do capitalismo em nome de uma militância comunista assumida.

Marcuse, com efeito, pronuncia-se antes a favor de uma «transcendência» da «sociedade industrial avançada», como tal e como todo, susceptível de despedir, num mesmo pacote, tanto a exploração económica como a «ditadura» política (embora, discretamente, sem nunca silenciar ou disfarçar as suas preferências⁸⁰ de pendor social-democratizante).

Junto com estas tomadas de posição («políticas»), a opção inaugural referida, ao nível teórico, por uma assimilação estrutural reductiva (ainda que admitidamente comportando diferenciações) de «capitalismo» e de «socialismo», no âmbito e sob o regime da forma englobante de «sociedade industrial avançada», ajuda, no entanto, em boa medida a explicar a arreigada preocupação marcuse-

⁸⁰ Limito-me a respigar algumas ilustrações.

Assim, ao nível da comunicação hierarquizada e imperativa o assemelhamento tende a acentuar-se: «A linguagem ritual-autoritária espalha-se sobre o mundo contemporâneo, através de países democráticos e não-democráticos, capitalistas e não-capitalistas.» – «The ritual-authoritarian language spreads over the contemporary world, through democratic and non-democratic, capitalist and non-capitalist countries.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 4; ed. cit., p. 102.

seana em reivindicar e propôr um estatuto de *extra-territorialidade* radical para a crítica.

§ 13. *A extra-territorialidade.*

Não é apenas como tradicional preito de homenagem à celebrada insularidade e à independência dos intelectuais modernos – um rasgo sobre o qual já Karl Mannheim havia sobejamente insistido com a sua interpretação de «a intelectualidade socialmente em suspensão livre [no ar]» (*die freischwebende Intelligenz*)⁸¹

Mais do que de uma imediata identidade dos sistemas, ou de uma sua entrevista desejável convergência futura, o que importa é falar da sua irmanação fáctica (porque estrutural) numa imposição de espartilhos que facilitem a respectiva perduração:

«Quando o capitalismo satisfaz o desafio do comunismo, satisfaz também as suas próprias capacidades: desenvolvimento espectacular de todas as forças produtivas após a subordinação dos interesses privados na lucratividade, os quais prendem esse desenvolvimento. Quando o comunismo satisfaz o desafio do capitalismo, ele também satisfaz as suas próprias capacidades: apoios [*comforts*] espectaculares, regalias [*liberties*], e alívio do fardo da vida [*alleviation of the burden of life*]. Ambos os sistemas distorceram estas capacidades ao ponto de ficarem irreconhecíveis [*beyond recognition*] e, em ambos os casos, a razão é, em última análise, a mesma: a luta contra uma forma de vida que dissolveria a base para a dominação.» – «When capitalism meets the challenge of communism, it meets its own capabilities: spectacular development of all productive forces after the subordination of the private interests in profitability which arrest such development. When communism meets the challenge of capitalism, it too meets its own capabilities: spectacular comforts, liberties, and alleviation of the burden of life. Both systems have these capabilities distorted beyond recognition and, in both cases, the reason is in the last analysis the same – the struggle against a form of life which would dissolve the basis for domination.» MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 55.

De qualquer maneira, e num claro contexto de referência à União Soviética, sempre se vai adiantando, em jeito de reparo velado: «Não há razão para supôr que progresso técnico mais nacionalização promoverão a libertação e soltura “automáticas” das forças negadoras.» – «There is no reason to assume that technical progress plus nationalization will make for “automatic” liberation and release of the negating forces.» MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 42.

Por outro lado, certos desfiguramentos e predilecções não vão também deixando de marcar presença, sobremaneira quando chega a altura de introduzir comparações:

«No estádio mais avançado do capitalismo, esta sociedade é um sistema de pluralismo domesticado [*subdued pluralism*], em que as instituições em concorrência [*competing institutions*] concorrem [*concur*] para solidificar o poder do todo sobre o indivíduo. Contudo, para o indivíduo administrado, a administração pluralística é de longe muito melhor do que a administração total.» – «At the most advanced stage of capitalism, this society is a system of subdued pluralism, in which the competing institutions concur in solidifying the power of the whole over the individual. Still, for the administered individual, pluralistic administration is far better than total administration.» MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 50.

⁸¹ Cf. KARL MANNHEIM, *Ideologie und Utopie* (1929), 3; Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1995⁸, pp. 134-143.

Para uma crítica de Adorno à «sociologia do saber» (*Wissenssoziologie*) de Mannheim, veja-se, por exemplo: ADORNO, «Das Bewußtsein der Wissenssoziologie» (1937), *Prismen* (1955); GS, vol. 10.1, pp. 31-46.

– que Marcuse entende sublinhar que «a análise é forçada a proceder a partir de uma posição “fora” [*outside*] das tendências positivas tanto como das negativas, das produtivas tanto como das destrutivas, na sociedade»⁸².

A assunção de um radical ponto de vista «exterior» devém exigência primordial, porque estamos confrontados com «o fenómeno do sugamento [*Aufsaugung*] do potencial revolucionário» por parte da própria ordem estabelecida⁸³; porque as forças de atracção, de absorção e de resolução de toda e qualquer transcendência sistémica se manifestam com um vigor e com uma eficácia tremendos no corpo e na lógica da própria «sociedade industrial avançada», desdobrando uma capacidade inaudita para conter e para manipular, inclusivamente, uma «imaginação subversiva» (*subversive imagination*).

Importa, por conseguinte – num contexto em que a própria «solidão», como uma reserva preservada de distanciamento crítico, devém cada vez mais inviável⁸⁴ –, sobremaneira cultivar e robustecer um reduto de intimidade aberto à consideração de possíveis que o *establishment* não consiga reduzir, apropriar e desprover de potenciação:

«Agora, é precisamente esta nova consciência, este “espaço interior” [*this “space within”*], o espaço para a prática histórica que transcende [*transcending*], que está a ser barrado por uma sociedade em que os sujeitos tanto como os objectos constituem instrumentalidades num todo que tem a sua *razão de ser* [*raison d'être*] nas realizações [*accomplishments*] da sua produtividade superpoderosa [*overpowering productivity*].»⁸⁵.

⁸² «the analysis is forced to proceed from a position “outside” the positive as well as negative, the productive as well as destructive tendencies in society.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, Introduction; ed. cit., p. XIV.

⁸³ «das Phänomen der Aufsaugung des revolutionären Potentials», MARCUSE, «Zum Begriff der Negation in der Dialektik» (1966), *Ideen zu einer kritischen Theorie der Gesellschaft*; ed. cit., p. 189.

⁸⁴ «A solidão, a própria condição que sustentava o indivíduo contra e para além da sua sociedade, tornou-se tecnicamente impossível.» – «Solitude, the very condition which sustained the individual against and beyond his society, has become technically impossible.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 71.

Trata-se de uma preocupação comum à «teoria crítica». Com a entronização da «pseudo-individualidade» (*Pseudoindividualität*), operada pelo triunfo da «indústria da cultura» (*Kulturindustrie*): «A liquidação do trágico confirma a abolição do indivíduo.» – «Die Liquidation der Tragik bestätigt die Abschaffung des Individuums.», HORKHEIMER-ADORNO, *Dialektik der Aufklärung*, Kulturindustrie. Aufklärung als Massenbetrug; ADORNO, GS, vol. 3, p. 177.

⁸⁵ «Now it is precisely this new consciousness, this “space within”, the space for the transcending historical practice, which is being barred by a society in which subjects as well as objects constitute instrumentalities in a whole that has its *raison d'être* in the accomplishments of its overpowering productivity.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 23.

Daí que se compreenda também a celebração da «alienação artística» (*artistic alienation*)⁸⁶ como expressão plástica e ficcional de incompatibilidade e de transgressão dos limites das relações existentes⁸⁷, apontada à constituição de uma nova plataforma criativa e libertadora⁸⁸ para a condução de todos os

⁸⁶ Nesta acepção precisa, a *alienação* não é a subordinação heterónoma a outrem, ou a radical perda de si coisificante em um outro, mas, sim, o apartamento (a afirmação de uma *alteridade*) relativamente a determinadas instâncias e a comportamentos tidos por correntes e «normais».

É igualmente neste contexto, e com menção expressa de Bertolt Brecht, que Marcuse vem recordar que «o “efeito de estranhamento” (*Verfremdungseffekt*) é para produzir esta dissociação em que o mundo possa ser reconhecido como aquilo que é.» – «the “estrangement effect” (*Verfremdungseffekt*) is to produce this dissociation in which the world can be recognized as what it is.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 67.

Como Brecht repetidamente explica,

«O efeito de estranhamento [*V-Effekt*] consiste em que a coisa, aquilo que há-de ser compreendido, aquilo sobre que o olhar [*Augenmerk*] há-de ser conduzido, é transformada de uma coisa habitual, familiar [*bekannt*], imediatamente dada, numa coisa peculiar [*besondere*], surpreendente [*auffällig*], inesperada. O evidente [*das Selbstverständliche*] é de certo modo tornado incompreensível [*unverständlich*], mas isso só acontece para depois ser tornado mais compreensível ainda.» – «Der V[erfremdungs]-Effekt besteht darin, daß das Ding, das zum Verständnis gebracht, auf welches das Augenmerk gelenkt werden soll, aus einem gewöhnlichen, bekannten unmittelbar vorliegenden Ding zu einem besonderen, auffälligen, unerwarteten Ding gemacht wird. Das Selbstverständliche wird in gewisser Weise verständlich gemacht, das geschieht aber nur, um es dann um so verständlicher zu machen.»., Bertolt BRECHT, *Neue Technik der Schauspielkunst. Etwa 1935 bis 1941*, Kurze Beschreibung einer neuen Technik der Schauspielkunst, die einen Verfremdungseffekt hervorbringt, Anhang, 17; *Schriften*, ed. Werner Mittenzwei, Berlin-Weimar, Aufbau-Verlag, 1975², p. 304.

⁸⁷ «a *alienação artística* é a transcendência consciente da existência alienada – uma alienação de “nível superior”, ou mediada.» – «the *artistic alienation* is the conscious transcendence of the alienated existence – a “higher level” or mediated alienation.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 60.

⁸⁸ Ensaçando, como dispositivo narrativo do «dever-ser», uma como antevisão de um estádio social determinado e conduzido por um pensamento poiético libertado, Marcuse afirma:

«A consciência libertada promoveria o desenvolvimento de uma ciência e tecnologia livre para descobrir e realizar as possibilidades das coisas e dos homens na protecção e gratificação da vida, jogando com as potencialidades da forma e da matéria para o atingir desta meta. A técnica tenderia então a tornar-se arte, e a arte tenderia a formar realidade: a oposição entre imaginação e razão, faculdades superiores e inferiores, pensamento poético e científico, seria invalidada. Emergência de um novo Princípio de Realidade, sob o qual uma nova sensibilidade e uma inteligência científica desublimada se combinariam na criação de um *etbos artístico*.» – «The liberated consciousness would promote the development of a science and technology free to discover the possibilities of things and men in the protection and gratification of life, playing with the potentialities of form and matter for the attainment of this goal. Technique would then tend to become art, and art would tend to form reality: the opposition between imagination and reason, higher and lower faculties, poetic and scientific thought, would be invalidated. Emergence of a new Reality Principle: under which a new sensibility and a desublimated scientific intelligence would combine in the creation of an *aesthetic etbos*.», MARCUSE, *An Essay on Liberation*, II; ed. cit., p. 24.

aspectos do viver, e incoadora da revitalização de uma «subjectividade rebelde»⁸⁹ que se volta contra a persistência de uma dominação asfixiante.

Porque «a sociedade industrial avançada se está a aproximar de um estágio em que um progresso continuado exigiria a subversão radical da direcção e da organização prevaletentes do progresso»⁹⁰, é decisivo recuperar e estimular «a promoção da arte de viver» (*the promotion of the art of life*)⁹¹, em que a racionalidade não se veja amputada do vector constitutivo da «imaginação»⁹², em que a vida – operada toda uma «redefinição das necessidades» (*redefinition of needs*), pela qual se rompa com o cortejo das servidões alienantes e se assuma a efectiva materialização dos valores como uma precisão elementar⁹³ – readquiria em pleno a sua razão de finalidade autojustificada⁹⁴, em que se venha a poder encarar e a consumir

⁸⁹ Num texto posterior onde esta matéria passa a ser objecto de aprofundamento, Marcuse lembra: «A sublimação estética serve a componente afirmativa, reconciliadora, da arte, apesar de ser ao mesmo tempo um veículo para a função crítica, negadora, da arte. A transcendência da realidade imediata estiliza a objectividade reificada das relações sociais estabelecidas e abre uma nova dimensão de experiência: renascimento da subjectividade rebelde.» – «Aesthetic sublimation makes for the affirmative, reconciling component of art, though it is at the same time a vehicle for the critical, negating function of art. The transcendence of immediate reality shatters the reified objectivity of established social relations and opens a new dimension of experience: rebirth of the rebellious subjectivity.»; MARCUSE, *The Aesthetic Dimension. Toward a Critique of Marxist Aesthetics*, I; Boston, Beacon Press, 1978, p. 7.

No entanto, a invocação desta perspectiva encontra-se já presente na obra a que centralmente nos reportamos: «A dimensão estética retém ainda uma liberdade de expressão que permite ao escritor e ao artista chamar os homens e as coisas pelo nome – nomear o de outro modo [*otherwise*] inomeável.» – «The aesthetic dimension still retains a freedom of expression which enables the writer and the artist to call men and things by their name – to name the otherwise unnameable.»; MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 10; ed. cit., p. 247.

⁹⁰ «Advanced industrial society is approaching the stage where continued progress would demand the radical subversion of the prevailing direction and organization of progress.»; MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 1; ed. cit., p. 16.

⁹¹ «No estágio avançado da civilização industrial, a racionalidade científica, traduzida em poder político, parece ser o factor decisivo no desenvolvimento de alternativas históricas. Surge então a pergunta: tende este poder para a sua própria negação – isto é, para a promoção da “arte de viver”?» – «At the advanced stage of industrial civilization, scientific rationality, translated into political power, appears to be the decisive factor in the development of historical alternatives. The question then arises: does this power tend toward its own negation – that is, toward the promotion of the “art of life”?»; MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 9; ed. cit., p. 230.

⁹² «Racional é a imaginação que se pode tornar o *a priori* da reconstrução e do redireccionamento do aparelho produtivo para uma existência pacificada, uma vida sem medo.» – «Rational is the imagination which can become the *a priori* of the reconstruction and redirection of the productive apparatus toward a pacified existence, a life without fear.»; MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 10; ed. cit., p. 250.

⁹³ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 9; ed. cit., p. 234.

⁹⁴ «Uma vida como um fim é qualitativamente diferente de uma vida como um meio.» – «Life as an end is qualitatively different from life as a means.»; MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 1; ed. cit., p. 17.

«a sepultura [*the coming-to-rest*, literalmente: o advento ao (definitivo) repouso] da produtividade repressiva da Razão, o fim da dominação em gratificação»⁹⁵.

Todos estes desideratos têm em vista a conquista de uma «pacificação» (*pacification*) da existência

– entendida basicamente como «o desenvolvimento livre das necessidades e das faculdades humanas» (*the free development of human needs and faculties*)⁹⁶,

respaldada num ambicioso reencaminhamento da técnica, em consonância, aliás, com a sua originária destinação, para efectivos objectivos de alívio das constrangedoras condições de luta pela subsistência⁹⁷,

e que não poderá deixar de determinar toda uma reconfiguração (humanitariamente bem-intencionada) da ordem económica mundial⁹⁸,

em que a conversão de finalidades axiológicas recitadas como aconchego compensatório em exigências sentidas de concretização prática devém um acto de «libertação»⁹⁹,

apontado à fruição gratificante de «uma vida boa» (*a good life*)¹⁰⁰, cuja consecução passou a estar realmente ao alcance,

⁹⁵ «*the coming-to-rest of the repressive productivity of Reason, the end of domination in gratification.*», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 6; ed. cit., p. 167.

⁹⁶ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 8; ed. cit., p. 220.

⁹⁷ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 9; ed. cit., p. 227.

⁹⁸ «Esta pacificação significaria a emergência de uma genuína economia mundial – o passamento [*demise*] da Estado-nação, do interesse nacional, e do negócio nacional junto com as suas alianças internacionais.» – «*This pacification would mean the emergence of a genuine world economy – the demise of the nation state, the national interest, national business together with their international alliances.*», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 53.

⁹⁹ Uma mudança da enunciação retórica compensatória de valores e ideais em objectivo determinado de luta pela sua implementação converte-se num poderoso factor de refiguração da maneira como o possível é encarado,

«porque a transformação de valores em necessidades [*needs*], de causas finais em possibilidades técnicas, é um novo estádio na conquista das forças opressivas, indominadas, tanto na sociedade como na Natureza. É um acto de *libertação*.» – «*For the transformation of values into needs, of final causes into technical possibilities is a new stage in the conquest of oppressive, unmastered forces in society as well as in nature. It is an act of liberation.*», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 9; ed. cit., p. 233.

¹⁰⁰ A «vida boa», um ideal que desde a antiguidade grega não deixa de ser perspectivado, assume-se aqui como «uma vida que, tanto quanto é possível, está livre de trabalho pesado [*toil*], dependência e fealdade. Atingir uma tal vida é atingir a “vida melhor”: viver de acordo com a essência da Natureza ou do homem.» – «*a life which is as much as possible free from toil, dependence, and ugliness. To attain such a life is to attain the “best life”: to live in accordance with the essence of nature or man.*», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 5; ed. cit., p. 126.

de que o registo político – entendido como «a prática em que as instituições sociais básicas são desenvolvidas, definidas, sustentadas e mudadas»¹⁰¹ – não pode ser arredado.

§ 14. *A busca de um «novo Sujeito histórico».*

Como seria de prever pela natureza dos supostos que subtendem a eclosão crítica deste pensamento vibrante, no cerne de toda esta pujante reconfiguração almejada – que requer uma profunda transformação das consciências e uma prática de luta efectiva –, descobre-se um projecto radical de reconquista e de mobilização (*ética*, o *Sollen* faz subjectivamente valer as suas pretensões) da *autonomia*.

O exercício desta autonomia – que é (auto)dação e senhorio de um destino, à luz de exigentes desígnios de humanidade – está vocacionado para operar uma como «transfiguração» individualizante (ou personalizadora) das «massas» (retiradas, por essa via, da sua acomodação alienante), e apresenta-se como susceptível de fundar a emergência e o accionamento de um novo *sujeito histórico*:

«A autodeterminação será real na medida em que as massas tenham sido dissolvidas em indivíduos libertados de toda a propaganda, endoutrinamento, e manipulação, capazes de conhecer e compreender os factos, e de avaliar as alternativas. Por outras palavras, a sociedade seria racional e livre na medida em que fosse organizada, sustentada, e reproduzida por um Sujeito histórico essencialmente novo.»¹⁰².

No entanto, as portentosas condições vigentes – naquilo que reprimem, mas também nas ilusórias gratificações que propiciam – são inapelavelmente adversas a uma erecção dos sectores tradicionais de explorados em agentes da transformação requerida.

Mais: este bem oleado jogo de opressão/integração/compensação perverteu irremediavelmente qualquer expectativa fundada de que, mesmo por hipótese de um revolucionamento bem sucedido, essas camadas sociais consigam – prisioneiras como estão de uma funda alienação que as desnaturou – imediatamente preencher essa função:

«No estádio presente de desenvolvimento da sociedade industrial avançada, o sistema tanto material como cultural nega esta exigência [de autonomia, ou de

¹⁰¹ «the practice in which the basic societal institutions are developed, defined, sustained, and changed», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 10; ed. cit., p. 250.

¹⁰² «Self-determination will be real to the extent to which the masses have been dissolved into individuals liberated from all propaganda, indoctrination, and manipulation, capable of knowing and comprehending the facts and of evaluating the alternatives. In other words, society would be rational and free to the extent to which it is organized, sustained, and reproduced by an essentially new historical Subject.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 10; ed. cit., p. 252.

autodeterminação]. O poder e a eficiência deste sistema, a completa [*thorough*] assimilação do espírito pelo facto, do pensamento pelo comportamento requerido, das aspirações pela realidade, militam contra a emergência de um novo Sujeito. Eles também militam contra a noção de que a substituição do controlo prevalecente sobre o processo produtivo por “controlo a partir de baixo” significaria o advento de uma mudança qualitativa. Esta noção foi válida, e ainda é válida, onde os trabalhadores foram, e ainda são, a negação e a acusação [*indictment*] vivas da sociedade estabelecida. No entanto, onde estas classes se tornaram um adereço [*prop*] da maneira de viver estabelecida, a sua ascensão ao controlo prolongaria esta maneira [de viver] num cenário diferente.»¹⁰³.

Em conformidade, a força social portadora de redenção humanizante e libertadora tem que provir «de fora» do «sistema», esgotados como estão e desfigurados como se encontram os seus recursos endógenos de «negação» efectiva (isto é, não «assimilada»):

«A produtividade crescente [*growing*] do trabalho cria um sobreproduto em aumento [*increasing*] que, quer privada quer centralmente apropriado e distribuído, permite um consumo incrementado – não obstante o incrementado desvio [*the increased diversion*] da produtividade. Enquanto esta constelação prevalecer, ela reduz o valor de uso da liberdade; não há razão para insistir na autodeterminação se a [vida] administrada é a vida confortável ou até a vida “boa”. Este é o fundamento racional e material para a unificação dos opostos, para um comportamento político unidimensional. Nesta base, as forças políticas de transcendência *dentro* da sociedade estão presas, e a mudança qualitativa só aparece como possível como uma mudança a partir de *fora* [*from without*].»¹⁰⁴.

¹⁰³ «At the present stage of development of the advanced industrial societies, the material as well as the cultural system denies this exigency. The power and efficiency of this system, the thorough assimilation of mind with fact, of thought with required behavior, of aspirations with reality, militate against the emergence of a new Subject. They also militate against the notion that the replacement of the prevailing control over the productive process by “control from below” would mean the advent of qualitative change. This notion was valid, and still is valid, where the laborers were, and still are, the living denial and indictment of the established society. However, where these classes have become a prop of the established way of life, their ascent to control would prolong this way in a different setting.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 10; ed. cit., p. 252.

¹⁰⁴ «The growing productivity of labor creates an increasing surplus-product which, whether privately or centrally appropriated or distributed, allows an increased consumption – notwithstanding the increased diversion of productivity. As long as this constellation prevails, it reduces the use-value of freedom; there is no reason to insist on self-determination if the administered life is the comfortable and even the “good” life. This is the rational and the material ground for the unification of opposites, for one-dimensional political behavior. On this ground, the transcending political forces *within* society are arrested, and qualitative change appears possible only as a change from *without*.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 49.

Marcuse evidencia aqui um exuberante pessimismo liminar quanto a um futuro de reconfigurações assente, porventura, num optimismo demasiado no que concerne o carácter satisfatório das situações do presente – designadamente, quando se pronuncia, mesmo nos contextos de uma «civilização industrial avançada», por uma inelutável «“integração social e cultural” da classe trabalhadora com a sociedade capitalista» (“*social and cultural integration*” of the laboring class with capitalist society)¹⁰⁵.

No entender de Marcuse, «capitalistas» e «proletários» continuam a representar a dicotomia social básica, que a estruturação e a dinâmica da ordem vigente que rege a produção do viver, de há séculos, reproduz.

«No entanto, o desenvolvimento capitalista alterou a estrutura e a função destas duas classes de uma maneira tal que elas não aparecem mais como sendo agentes de transformação histórica. Um interesse sobrepujante [*overriding*] na preservação e aperfeiçoamento [*improvement*] do status quo institucional une os anteriores antagonistas nas áreas mais avançadas da sociedade contemporânea.»¹⁰⁶.

Tudo parece passar-se como se o processo de transmutação da «burguesia» de classe «revolucionária» (em determinados contextos dos séculos XVIII e XIX) a classe «dominante» (por acesso ao poder, entretanto alcançado) fosse agora transposto – num paralelismo, todavia, assimétrico – para a figura de uma progressiva e irremediável conformação das «classes laboriosas» a um estatuto «melhorado», que determinaria, desatendido todo um conjunto de contradições a que se não encontram imunes, o apagamento e a dissolução dos seus ímpetus remodeladores.

Por outro lado, mas em linha com esta perspectiva, sentenciam-se igualmente que, ao nível das organizações sociais, os partidos comunistas e os movimentos operários – *in genere* (isto é, fazendo-se abstracção dos debates e das lutas no seu próprio seio ocorridos (e em curso) – de há muito que capitularam também perante as (mais deslumbradas do que deslumbrantes) «vantagens», em periódicas barganhas e regateios arrancadas, de uma acomodatória «integração capitalista»¹⁰⁷.

E um veredicto de intenção semelhante – confluência de interesses opostos na manutenção mutuamente vantajosa do estado das coisas – estende-se ainda à afirmação de que, no fundo, mesmo os dois sistemas mundiais emblemáticos

¹⁰⁵ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 29.

¹⁰⁶ «However, the capitalist development has altered the structure and function of these two classes in such a way that they no longer appear to be agents of historical transformation. An overriding interest in the preservation and improvement of the institutional status quo unites the former antagonists in the most advanced areas of contemporary society.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, Introduction; ed. cit., pp. XII-XIII.

¹⁰⁷ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., pp. 20-21.

compartem uma situação de efectiva interdependência real, em que a concorrência entre eles e o prospecto de aquecimento de uma guerra de destruição de grandes proporções (como ameaça, quotidianamente brandido) acabam por convergir para uma justificação ideológica e um fortalecimento social da sua própria dominação¹⁰⁸.

O conflito civilizacional – declarado mais fundo, portanto, do que as divergências estruturais quanto à organização económica e social das colectividades – entre as potencialidades crescentes de amenização da existência (pela reconfiguração do trabalho alienado e pela abolição tendencial do trabalho alienante) e a ganância de uma intensificação da exploração «perpetua a existência inumana daqueles que formam a base humana da pirâmide social – os marginais [*outsiders*] e os pobres, os desempregados e os inempregáveis, as perseguidas raças de cor, os internados [*inmates*] de prisões e de manicómios [*mental institutions*].»¹⁰⁹.

Estes deserdados da fortuna e da integração constituem, na sua amálgama desorganizada e desprovida de perspectivas teóricas de alto voo ou de largo fôlego, uma decisiva «extra-territorialidade» social do sistema – de cujo intensificado protesto algo de realmente novo pode estar, ante os nossos olhos pouco atentos, a surgir.

Os colectivos tradicionais dos oprimidos acomodaram-se, e foram domesticados. «No entanto, por debaixo da base popular conservadora está o substrato dos proscritos [*outcasts*] e dos marginais [*outsiders*], os explorados e perseguidos de outras raças e outras cores, os desempregados e os inempregáveis. Eles existem fora do processo democrático; a vida deles é a mais imediata e a mais real necessidade [*need*] de pôr fim a condições e instituições intoleráveis. Assim, a oposição deles é revolucionária, mesmo se a sua consciência o não é. A oposição deles atinge o sistema a partir de fora, e, portanto, não é deflectida pelo sistema; é uma força elementar que viola as regras do jogo, e que, ao fazê-lo, o revela como um jogo viciado. Quando eles se juntam e saem para as ruas, sem armas, sem protecção, a fim de pedir os direitos civis mais primitivos, sabem que enfrentam cães, pedras, e bombas, a prisão, campos de concentração, mesmo a morte. A força deles está por detrás de toda a manifestação política pelas vítimas da lei e da ordem. O facto de eles começarem a recusar jogar o jogo pode ser o facto que marca o começo do fim de um período.»¹¹⁰.

¹⁰⁸ Cf. MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 55.

¹⁰⁹ «perpetuates the inhuman existence of those who form the human base of the social pyramid – the outsiders and the poor, the unemployed and unemployable, the persecuted colored races, the inmates of prisons and mental institutions.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 2; ed. cit., p. 53.

¹¹⁰ «However, underneath the conservative popular base is the substratum of the outcasts and outsiders, the exploited and persecuted of other races and other colors, the unemployed and unemployable. They exist outside the democratic process; their life is the most immediate and the most

§ 15. Sob a égide da «Grande Recusa».

A movimentação em ascenso destes excluídos vem a corporizar afinal um desfecho – ou uma etapa – que, ao seu jeito, Marcuse não deixa também de magnificar: «a Grande Recusa [*the Great Refusal*] – o protesto contra aquilo que está»¹¹¹.

Por detrás deste acto determinado de negação podem espreitar decerto ressonâncias longínquas e distorcidas daquela figura da «greve geral» que outros teorizaram como dispositivo expeditivo de resolução revolucionária¹¹², mas também um pouco, à maneira de Freud, a convicção de que «a doença do paciente é uma reacção de protesto contra o mundo enfermo em que ele vive»¹¹³.

As expectativas colocadas em desenvolvimentos desta índole – porventura, mais reveladores de uma sintomatologia da insuportabilidade gritante de assimetrias avolumadas de toda a ordem em crescimento acelerado do que indicativos, *em si mesmos*, da direcção do trabalho político a empreender numa perspectiva revolucionária consequente – podem com forte probabilidade ter inspirado, em

real need for ending intolerable conditions and institutions. Thus their opposition is revolutionary even if their consciousness is not. Their opposition hits the system from without and is therefore not deflected by the system; it is an elementary force which violates the rules of the game and, in doing so, reveals it as a rigged game. When they get together and go out into the streets, without arms, without protection, in order to ask for the most primitive civil rights, they know that they face dogs, stones, and bombs, jail, concentration camps, even death. Their force is behind every political demonstration for the victims of law and order. The fact that they start refusing to play the game may be the fact which marks the beginning of the end of a period.», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, III, 10; ed. cit., pp. 256-257.

¹¹¹ «the Great Refusal – the protest against that which is», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, I, 3; ed. cit., p. 63.

¹¹² Perfilando-se como emblema do «sindicalismo revolucionário» que advogava, Georges Sorel preconiza «a greve geral» (*la grève générale*) como «o mito» – uma representação mobilizadora das forças históricas para a transformação – «no qual o socialismo todo inteiro se encerra, isto é, uma organização de imagens capazes de evocar instintivamente todos os sentimentos que correspondem às diversas manifestações da guerra empreendida pelo socialismo contra o mundo moderno.» – «le mythe dans lequel le socialisme s'enferme tout entier, c'est-à-dire une organisation d'images capables d'évoquer instinctivement tous les sentiments qui correspondent aux diverses manifestations de la guerre engagée par le socialisme contre la société moderne.», Georges SOREL, *Réflexions sur la Violence* (1906), IV, I; ed. Claude Polin, Paris, Éditions Marcel Rivière, 1972, p. 153.

Encontramos elementos interessantes do debate em torno da problemática da «greve geral» no seio da social-democracia europeia deste período, por exemplo, em: Rosa LUXEMBURG, *Und zum dritten Male das belgische Experiment* (1902) e *Massenstreik, Partei und Gewerkschaften* (1906); *Gesammelte Werke*, ed. IML, Berlin, Dietz Verlag, 1974³, respectivamente, vol. 1/2, pp. 229-248, e vol. 2, pp. 91-170.

Para uma crítica do repentismo insurreccional grevista de extracção bakunista, veja-se por exemplo: Friedrich ENGELS, *Die Bakuninisten an der Arbeit* (1873); MEW, vol. 18, pp. 479-480.

¹¹³ «the patient disease is a protest reaction against the sick world in which he lives», MARCUSE, *One-Dimensional Man*, II, 7; ed. cit., p. 183.

algum momento e para alguns intervenientes, movimentações como as do Maio de 68.

Para Marcuse, esses acontecimentos representavam, sem dúvida, um reconfortante testemunho de que a *Great Refusal*¹¹⁴, na variedade das suas formas de manifestação, estava em amadurecimento e se perfilava como palavra de ordem ajustada para consciências a braços com uma sofisticada e sufocante repressão sem esperança.

Pela minha parte, sem que tal contribua particularmente para um sossegado refrigério, inclino-me a pensar que, do ponto de vista estratégico, o esforço de compreensão teórica, e a condução política prática das lutas, não pode dispensar de maneira expeditiva o necessário equacionamento, em cada período e momento histórico determinado, de dimensões que Lênine – na sequência de Marx, aliás¹¹⁵ – sintetizou numa formulação conhecida, que directamente abrange o registo subjectivo do nível e da correlação das forças sociais que se confrontam em todas as situações revolucionárias:

«para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como dantes e exijam mudanças; para a revolução é necessário que os exploradores não possam viver e governar como

¹¹⁴ Para Marcuse, a «servidão voluntária» que resulta de complexos processos de introjecção vária apenas pode ser rompida, em revolta, por

«uma prática política de descomprometimento [*disengagement*] metódico com e de recusa da Ordem Estabelecida [*Establishment*], visando uma radical transvalorização dos valores. Uma tal prática envolve uma quebra [*break*] com as maneiras familiares, rotinadas, de ver, ouvir, sentir, compreender, as coisas, de tal modo que o organismo se possa tornar receptivo para as formas potenciais de um mundo não-agressivo, não-explorador.

Não importa quão remota a rebelião possa estar destas noções, não importa quão destrutiva e autodestrutiva ela possa aparecer, não importa quão grande seja a distância entre a revolta da classe média nas metrópoles e a luta de vida ou de morte dos desgraçados da Terra – é-lhes comum a profundidade da Recusa. Ela fá-los rejeitar as regras do jogo que está viciado contra eles, a antiga estratégia de paciência e de persuasão, a confiança na Boa Vontade [por parte] do *Establishment*, os seus apoios falsos e imorais, a sua fartura [*affluence*] cruel.» –

«a political practice of methodical disengagement from and refusal of the Establishment, aiming at a radical transvaluation of values. Such a practice involves a break with the familiar, the routine ways of seeing, hearing, feeling, understanding things so that the organism may become receptive to the potential forms of a nonaggressive, nonexploitative world.

No matter how remote from these notions the rebellion may be, no matter how destructive and self-destructive it may appear, no matter how great the distance between the middle-class revolt in the metropolises and the life-and-death struggle of the wretched of the earth – common to them is the depth of the Refusal. It makes them reject the rules of the game that is rigged against them, the ancient strategy of patience and persuasion, the reliance on the Good Will in the Establishment, its false and immoral comforts, its cruel affluence.»., MARCUSE, *An Essay on Liberation*, Introduction; ed. cit., p. 6.

¹¹⁵ Cf., por exemplo, MARX, *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* (1859), Vorwort; MEGA², vol. II/2, pp. 100-101.

dantes. Só quando os “*de baixo*” *não querem* o que é velho e os “*de cima*” *não podem como dantes*, só então a revolução pode vencer.»¹¹⁶.

One-Dimensional Man é decerto um desassombrado protesto contra um presente estado de coisas – elaborado a partir de um lugar de enunciação, objectiva e subjectivamente a braços com contradições *reais* que não se apresentam como de fácil e imediata resolução. O manifesto interesse de uma revisitação do pensamento de Marcuse tem também a ver, em medida não desprecienda, com esta circunstância e com a maneira como de dentro dela ele procurou traçar e desbravar caminhos.

O trabalho da esperança mobiliza anseios, comporta protestos, mas não prescinde da transformação material – que tem condições objectivas e subjectivas, insertas e incertas, elas próprias sujeitas à remodelação que a nossa condição humana de *ingrediência* e de *agência* do ser no corpo das suas realidades em devir vai inscrevendo como cunho da nossa humanidade.

E desse respondimento continuamos a ser devedores – e portadores.

Lisboa, Outubro de 2007.

¹¹⁶ Vladimir Ilitch LÉNINE, *A doença infantil do «esquerdismo» no comunismo* (1920), IX; *Obras Escolhidas em seis tomos*, Lisboa-Moscovo, Edições «Avante!»-Edições Progresso, 1986, vol. 5, p. 142.